



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**SINTONIAS ENTRE RÁDIO E MÚSICA: A RELAÇÃO DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA FM COM O COLETIVO BORA! – CEARÁ
AUTORAL CRIATIVO**

AUTOR(A): TAINARA MAÍRA DE CARVALHO

ORIENTADORA: PROF^a DR^a DEISIMER GORCZEVSKI

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

TAINARA MAÍRA DE CARVALHO

SINTONIAS ENTRE RÁDIO E MÚSICA: A RELAÇÃO DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA FM COM O COLETIVO BORA! – CEARÁ AUTORAL
CRIATIVO

FORTALEZA

2012

TAINARA MAÍRA DE CARVALHO

SINTONIAS ENTRE RÁDIO E MÚSICA: A RELAÇÃO DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA FM COM O COLETIVO BORA! – CEARÁ AUTORAL
CRIATIVO

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social do Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dra. Deisimer
Gorczewski

FORTALEZA

2012

TAINARA MAÍRA DE CARVALHO

SINTONIAS ENTRE RÁDIO E MÚSICA: A RELAÇÃO DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA FM COM O COLETIVO BORA! – CEARÁ AUTORAL
CRIATIVO

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social do Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal
do Ceará como requisito para a obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo.

Aprovada em: 24/09/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Deisimer Gorczewski (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Paula Accioly Tesser
Faculdade Christus

Prof. Ma. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos aqueles que estiveram comigo
no percurso da graduação.

AGRADECIMENTOS

O resultado deste trabalho, mais do que individual, é de todos que estiveram ao meu redor e contribuíram das mais diversas formas possíveis.

Agradeço à minha querida orientadora Deisimer, que abriu as portas da minha vida à pesquisa e me ensinou que o caminho desta é uma descoberta de nós mesmos também. Ela que esteve comigo, acompanhando cada passo dado desde o início, com carinho, paciência e muito diálogo.

Agradeço à minha família amada. À minha mãe e à minha irmã por terem me apoiado e incentivado em todos os momentos, me escutando e conversando, assumindo os afazeres da família para me dar suporte. Ao meu pai por revisar meus textos com tanto cuidado e carinho, por transmitir calma quando precisei. Aos meus avós que estavam sempre por perto. À Maria e Maíra pelo incentivo. Aos meus tios Fabíola e Dante, que mesmo de longe torceram para que tudo desse certo. Enfim, a toda minha família que proporcionou o afago e carinho de que necessitei.

Agradeço ao amado François, companheiro e amigo em todos os momentos, principalmente nos últimos dias da minha pesquisa. Obrigada pela força transmitida diariamente, me impulsionando a continuar. Pelos conselhos dados e por ter estado tão próximo, mesmo com todas as minhas instabilidades emocionais.

Agradeço aos amigos queridos que percorreram também comigo esta caminhada. Carolina, Cyntia, Paulo, Renata, Evelyn e tantos outros. Agradeço em especial ao querido amigo Regis, que me acompanhou no início de minha pesquisa, desde a escolha do tema até as primeiras empreitadas empíricas.

Agradeço aos entrevistados desta pesquisa, que a enriqueceram com o relato de suas vivências e experiências. A Nelson Augusto pela disponibilidade. A Alan Mendonça pela poesia. A Nonato Lima por todo o incentivo desde o início. A Marco Leonel Fukuda pela ajuda com contatos e detalhes da pesquisa e pela oportunidade especial de trabalhar ao seu lado.

Aos professores Andrea Pinheiro, Paula Tesser e Pedro Rogério. À Andrea Pinheiro por ter participado de minha qualificação e com propriedade, ter me indicado os caminhos a seguir. À Paula Tesser por ter olhado com atenção o meu projeto de pesquisa quando ainda estava sendo gerado. Ao Pedro Rogério pelo interesse em minha pesquisa e pelas importantes referências.

Agradeço aos funcionários da Rádio Universitária FM, que me acolheram e tornaram minha experiência como estagiária na Rádio ainda mais bonita. Ao Bruno Lima pela atenção e paciência em procurar documentos e dados da Rádio necessários à pesquisa. Ao Caio Mota, amigo e entusiasta do trabalho que desenvolvi na Rádio. Ao Marcos por ter gravado as semanas de programação para o mapeamento da Universitária. Um alô especial para a Joana, para o Antônio Carlos Lima, para o José Raimundo Lustosa, para o Nonato Alves, para o Assis Lima, para a Leovigilda Bezerra e para o Djacy Oliveira.

Agradeço a muitos outros que, de uma forma ou de outra, estiveram comigo neste caminho.

Agradeço a Deus e à vida maravilhosa com a qual me presenteou. Cada dia é uma dádiva divina.

“Perceber é conceber águas de
pensamentos. Sou a criatura do que
vejo” (Octávio Paz)

RESUMO

O presente trabalho envolve as áreas de Comunicação Radiofônica e Música, propondo pensar a relação entre a Rádio Universitária FM 107,9 MHz e o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo. Trata-se de pesquisa de dimensão qualitativa, que envolve pesquisa bibliográfica e documental, observação participante, entrevistas e produção de um mapeamento pontual da programação radiofônica. O estudo apresenta e problematiza questões relacionadas ao rádio público e a respectiva programação, trazendo como principal referência a pesquisa de Valci Zuculoto (2010), bem como aspectos da trajetória e da atualidade da Rádio Universitária e sua programação musical. Ao percorrer trechos da história de coletivos e movimentos musicais cearenses com destaque para o Pessoal do Ceará e a referência no estudo de Pedro Rogério (2010), a ênfase da pesquisa foi à experiência do BORA! Ceará Autoral Criativo, considerando-o como uma nova geração da música autoral cearense. Por último, ao analisar pontos que aproximam e distanciam a Rádio e o BORA, o trabalho constata a potência da relação ao provocar o exercício de pensar e intervir nos modos de conceber cultura, educação e cidadania, contribuindo ao final com recomendações sobre a possibilidade de se pensar em novas estratégias para os programas musicais, novas linguagens, novas formas de discutir música. Pensar em ambientes de produção de arte e ciência, música e conhecimento. Provocar o pensamento da arte e da ciência como fazeres e saberes que podem alargar os modos de relação com a cidade e a universidade.

Palavras-chave: Rádio Público, Rádio Universitária, Programação Radiofônica, Música Autoral Cearense, Coletivo Musical.

RESUMEN

El presente estudio implica las áreas de Comunicación Radiofónica y Música, proponiendo pensar la relación entre la Rádio Universitária FM 107,9 MHz y el Colectivo BORA! – Ceará Autoral Criativo. Tratamos de una investigación de dimensión cualitativa, que implica investigación bibliográfica y documental, observación participante, entrevistas e producción de un levantamiento cartográfico puntual de la programación radiofónica. El estudio presenta y problematiza cuestiones relacionadas a la radio pública y su respectiva programación, trayendo como principal referencia la investigación de Valci Zuculoto (2010), así como aspectos de la trayectoria y de la actualidad de la Rádio Universitária y su programación musical. Al recorrer partes de la historia de colectivos y movimientos musicales cearenses, con realce para el Pessoal do Ceará y la referencia en el estudio de Pedro Rogério (2010), la énfasis de la investigación fue la experiencia del BORA! – Ceará Autoral Criativo, considerándolo como una nueva generación de la música autoral cearense. Por último, al analizar puntos que aproximan y distancian la Rádio y el BORA, el estudio constata la potencia de la relación al provocar el ejercicio de pensar y intervenir en los modos de concebir cultura, educación y ciudadanía, contribuyendo al final con recomendaciones acerca de la posibilidad de pensar en nuevas estrategias para los programas musicales, nuevos lenguajes, nuevas formas de discutir música. Pensar en ambientes de producción de arte y ciencia, música y conocimiento. Provocar pensamiento del arte y de la ciencia como formas de actuar y saberes que pueden ampliar los modos de relación con la ciudad y la universidad.

Palabras-clave: Rádio Público, Rádio Universitária, Programación Radiofónica, Música Autoral Cearense, Colectivo Musical.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARPUB	Associação das Rádios Públicas do Brasil
EBC	Empresa Brasil de Comunicação
CONFECOM	Conferência Nacional de Comunicação
CPC	Centro Popular de Cultura
FM	Frequência Modulada
FUA	Feira Universitária de Arte
GRITA	Grupo Independente de Teatro Amador
GRUPECE	Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense
GRUTA	Grupo Universitário de Teatro e Arte
ICA	Instituto de Cultura e Arte
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
JK	Juscelino Kubitschek
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MES	Ministério da Educação e Saúde
MPB	Música Plural Brasileira
MPB	Música Popular Brasileira
RUFM	Rádio Universitária FM
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SINRED	Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 RÁDIO PÚBLICO E A RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM DE FORTALEZA	20
1.1 Rádio público brasileiro	21
1.2 Rádio Universitária FM – “A sintonia da terra”	27
1.2.1 Mudanças e reformulações	33
2 COLETIVOS CEARENSES E BORA! – CEARÁ AUTORAL CRIATIVO	37
2.1 Questões iniciais	38
2.2 Coletivos musicais no Ceará: a história continua	41
2.3 A nova geração da música autoral cearense	46
2.4 “Ceará Autoral e Criativo. Bora nessa!”	52
3 A RELAÇÃO ENTRE A RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM E A NOVA GERAÇÃO DA MÚSICA AUTORAL CEARENSE	58
3.1 Objetivo, material de análise e metodologia	58
3.2 Análises	59
3.2.1 Elos de comunicação entre a Rádio e o BORA	59
3.2.2 Os sujeitos da pesquisa querem se aproximar?	65
3.2.2.1 Rádio Universitária	65
3.2.2.2 Bora! – Ceará Autoral Criativo	68
3.2.3 Programação: o que diz o mapeamento?	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

A presente monografia representa o resultado de um processo de aproximação e convivência junto à Rádio Universitária FM e ao Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo, processo esse onde a participação, a pesquisa e a paixão foram seus principais constituintes. Aprendi muito com a pesquisa e desejo que ela contribua com a atmosfera de mudanças e de compromisso da Rádio Universitária em se propor criar, produzir e difundir cultura, educação e cidadania e, ao mesmo tempo, fortalecer o BORA e sua proposição coletiva e singular.

A escolha do tema foi uma tarefa difícil, pois queria tratar de algo que fosse ligado ao momento atual, à contemporaneidade e, ao mesmo tempo, estivesse relacionado com a minha história de vida, ou seja, que me instigasse o suficiente para eu dar conta da pesquisa.

Por obra do acaso (ou não), tentei cursar durante o sexto semestre da graduação uma disciplina chamada Laboratório de Jornalismo Impresso, mas não consegui. Escolhi então fazer a disciplina Laboratório de Rádio Jornalismo. A partir de então comecei a me envolver muito com o meio radiofônico, que descubro a cada momento fascinante. Outra temática que me foi chegando envolvia um interesse que vem desde a infância: a música. Meu pai me deu um violão quando eu tinha seis anos, e desde cedo ele vem nos incentivando (eu e minha irmã) a gostar de música. Confesso que me sinto meio frustrada por ainda não ter conseguido me dedicar realmente a algum instrumento. De toda forma esse assunto continua me fascinando.

No tempo em que cursei Música no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), eu e meus colegas conversamos em várias ocasiões sobre o descaso com que os músicos cearenses eram tratados pelos meios locais de comunicação. Mais tarde tive várias oportunidades de ser testemunha dessa desconsideração. De fato é muito difícil sobreviver de arte e, em especial, da música, levando em conta que até os meios de comunicação locais, em geral, não dão o espaço devido à produção musical local.

Esses foram os pontos de partida, os motivos que me levaram à escolha da temática envolvendo rádio e música, mais especificamente a Rádio Universitária FM e o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo.

Esta pesquisa vem, então, no sentido de pensar a relação entre a nova geração de músicos autorais cearenses e a Rádio Universitária FM, questionando, por um lado, como a nova geração vem se configurando no cenário musical local e construindo espaços na Rádio; e por outro, como a RUFM se relaciona com o Movimento, criando espaços em sua programação para a música e os músicos da nova geração que surgem na cena careense. Objetivamos oferecer meios para que haja uma melhor comunicação entre essa geração e a Rádio.

A pesquisa vem contribuir também com questões da relação entre as áreas de Rádio e Música. E, poderá contribuir tanto para a área de comunicação radiofônica, pensando nas rádios públicas e seus modelos de programação, como para a área de música, onde poderemos analisar, discutir e descobrir os caminhos da música cearense. Pretendemos dar mais um passo para incentivar os estudos que envolvem Rádio e Música.

Visamos, com essa pesquisa, provocar também o debate em torno da cultura e da educação que se tem e que se deseja no Estado do Ceará. Tanto a mídia, em especial, a rádio pública como os músicos e suas composições musicais contribuem com a qualidade de vida da população cearense, procurando oferecer meios para que cada vez mais se exerça a cidadania, criando espaços que possibilitem a participação e a construção da cultura e da educação que se deseja no nosso Estado.

A fim de construir a problemática que dá início a essa pesquisa, devemos nos reportar ao surgimento do rádio no Brasil. O rádio brasileiro, nascido oficialmente no Rio de Janeiro em 1922¹, sempre teve a música como um de seus principais pilares. Na época de seu nascimento, o rádio era um meio de elite.

No início, ouvia-se ópera, com discos emprestados pelos próprios ouvintes, recitais de poesia, concertos, palestras culturais, etc., sempre uma programação muito “seleta”, apesar de Roquette Pinto² estar convencido, desde o início, de que a rádio se transformaria num meio de comunicação de massa. (ORTRIWANO, 1985, p.14)

Ortriwano (1995) nos fala, ainda, que no início dos anos 30, com o processo de radiodifusão, o rádio sofre uma grande transformação. Agora estava comprometido com

¹Existem documentos que afirmam que o Rádio nasceu em Recife, no dia 6 de abril de 1919. (ORTRIWANO, 1985, p.13)

² Edgar Roquette-Pinto foi um médico legista, escritor, antropólogo, ensaísta, professor e etnólogo brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e é considerado o pai da radiodifusão no Brasil. Roquette-Pinto acreditava no poder educativo do rádio. Foi o diretor da primeira rádio brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1922, atual Rádio MEC.

os anúncios para garantir sua sobrevivência. Este processo irá culminar na “época de ouro do rádio brasileiro”, período áureo das rádios comerciais. As emissoras passam a assumir um caráter mais popular, não mais de elite. A partir da década de 30, mas principalmente a partir dos anos 40, não se escutam somente concertos, mas músicas populares também.

No caso das rádios públicas, a programação também se modificou, porém, mantendo a linha inaugurada por Roquette-Pinto, procurando privilegiar a cultura e a educação em sua programação. Com relação à música, mantém-se a música clássica, mas a partir das décadas de 30 e 40 começaram a incorporar a MPB à programação, “afirmando que transmitem só música popular brasileira de qualidade e também a boa música nativa da comunidade que atendem.” (ZUCULOTO, 2010, p.54).

A Rádio Universitária FM, inaugurada no dia 15 de outubro de 1981, se propõe a difundir “[...] informação, música, ciência, arte e cultura, por meio de uma programação educativa não formal [...]”³

No que diz respeito à linha musical, a Universitária FM se consolidou na conjuntura do início da década de 1980, quando emissoras comerciais destinavam seus espaços a canções essencialmente internacionais. Em contraste a esse contexto e reafirmando sua missão, a sonoridade da emissora deu enfoque a composições brasileiras, especializando-se mais ainda na produção nordestina e cearense.⁴

No Universo da música cearense, a escolha para esta pesquisa foi fazer um recorte apresentando a nova geração da música autoral cearense. O atual panorama musical cearense é muito diverso, envolvendo diferentes e distintas manifestações e ritmos musicais. Escolhemos então, como um dos objetos da pesquisa, os sujeitos de um Coletivo musical criado recentemente, em 2010. A escolha de um Coletivo foi feita por diversos motivos. Ele reúne e articula músicos, movimentando a cena local; incentiva a produção autoral; reúne diversos estilos musicais; promove as singularidades dos indivíduos ao mesmo tempo em que os fortalece como coletivo. Finalmente, escolhemos o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo.

O Movimento BORA! - Ceará Autoral Criativo se define como “um projeto que pretende gerar um espaço para a liberdade criativa em nosso estado.”⁵ A ideia do projeto é a união de músicos autorais cearenses para, juntos, fortalecerem-se e criarem

³UNIVERSITÁRIA FM 107,9 - GUIA DE PROGRAMAÇÃO, 2012, p. 7

⁴ Disponível em: <<http://www.radiouniversitariafm.com.br/radio/258-historico>>. Acesso em: 3 mai. 2012.

⁵Disponível em: <<http://cearaautoralcriativo.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 nov. 2010

espaços e públicos, sem que, para isso, tenham que buscá-lo no eixo Rio-São Paulo. Não há restrições nem censuras de estilos, pois o espaço é tido por todos como aberto para a criação.

Estimular, produzir e ampliar horizontes, eis algumas das coisas que permeiam nossos ideais. E o ideal maior é o ser livre, feliz e inteiro pra vida. **A arte é um caminho.** É o caminho que nós do Ceará Autoral Criativo escolhemos seguir.⁶

O Movimento lançou seu primeiro CD, “BORA! – Ceará Autoral Criativo”, no dia cinco de Setembro de 2010. Participam do CD vinte músicos e bandas cearenses. O Coletivo estabelece conexões históricas com outras ações coletivas de músicos cearenses.

Historicamente, foram muitas as tentativas de ações coletivas entre músicos cearenses. Nos anos 80, por exemplo, foi fundada a FAM – Associação de Músicos de Fortaleza, e, no início dos anos 90, o NUCIN – Núcleo de Compositores do Ceará, que chegou a produzir um CD coletivo e a realizar alguns shows. Ao longo da década de 90, o projeto Música Plural Brasileira, fomentado pelos jornalistas Flávio Paiva, Miguel Macedo, e Moacir Maia, realizou duas temporadas de apresentações de cantores locais e nacionais. A realidade de ausência de uma maior união entre artistas da música cearense, com um objetivo comum, também começou a mudar em 1998, quando da fundação da ACR – Associação Cultural Cearense do Rock, e em 2007, com o surgimento da Ascemus, Associação Cearense dos Músicos. Em 2008 veio a implementação local do Clube Caiubi de Compositores e, mais recentemente, a partir de março deste ano, o Bora! Ceará Autoral Criativo, movimento que lançou seu primeiro CD com um show coletivo ao final da tarde deste domingo, na Praça do Passeio Público. Vale mencionar também que em maio último foi lançada a ACF, Associação Cearense do Forró. (DIÁRIO, do Nordeste. 2010)⁷

A partir da apresentação dos objetos propostos, nesta pesquisa, como sujeitos, da motivação a realizá-la e dos elementos observados inicialmente, compusemos a seguinte questão. Como a Rádio Universitária FM e o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo se relacionam?

Essa questão maior desdobra-se em uma rede de outras questões, que procuraremos responder no decorrer deste trabalho. Como o BORA se relaciona com o espaço midiático, em especial radiofônico? Como eles interagem com o espaço da cidade? Como eles se constituem como Movimento e como Coletivo e de que forma

⁶Disponível em: <<http://cearaautoralcriativo.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 nov. 2010

⁷ Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=846420>>. Acesso em: 13 nov. 2010.

atuam? Como se compõe o atual cenário da música cearense, a partir da experiência com o movimento BORA? Como a Rádio Universitária FM vê esta nova geração e como eles vêem a Rádio Universitária? Quais são as aproximações e distanciamentos entre os dois sujeitos? Onde e de que forma estes músicos estão presentes na programação da Rádio Universitária FM? Como está constituída a programação musical da RUFM e como isso se relaciona com a missão da Emissora?

No campo **metodológico** este estudo enquadra-se como uma pesquisa qualitativa, apresentando-se a partir de uma perspectiva construtivista. A pesquisa qualitativa foi escolhida por estarmos buscando compreender processos culturais, sociais e midiáticos, que não são fixos, variando de acordo com o tempo e com a situação. Minayo (1994, p. 21-22) diz que a pesquisa qualitativa

[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Essa é uma pesquisa que é comumente utilizada nas ciências humanas.

Se [...] o pesquisador supõe que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato com a realidade nas diferentes interações humanas e sociais, será necessário encontrar fundamentos para uma análise e para a *interpretação* do fato que revele o significado atribuído a esses fatos pelas pessoas que partilham dele. Tais pesquisas serão designadas como *qualitativas*, termo genérico para designar pesquisas que, usando, ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem. (CHIZZOTTI, 2006, p. 27-28, grifo do autor)

Realizamos pesquisa bibliográfica e documental. Na pesquisa bibliográfica buscamos temas relacionados ao rádio público e à programação de rádio público; à cultura vista sob o enfoque da programação radiofônica; aos coletivos e movimentos musicais no Ceará. A pesquisa documental nos proporcionou acessar informações sobre a Universitária FM e o BORA. Minayo (1994, p.53) coloca que “[...] a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse”. Tivemos como principais referenciais teóricos para este estudo a tese de Valci Zuculoto, “A construção histórica da programação de rádios

públicas brasileiras”⁸, e a dissertação de Pedro Rogério, “Pessoal do Ceará – habitus e campo musical na década de 1970.”⁹

A metodologia incluiu também a realização de entrevistas. Utilizamos o método de entrevista em profundidade, sendo ela semiestruturada. “[...] técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca por informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada”. (DUARTE, 2010, p. 62). Entrevistamos Marco Leonel Fukuda, estudante de jornalismo que estagiou durante um ano na Rádio Universitária FM e também integrante do movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo; Alan Mendonça, articulador do movimento BORA; Nonato Lima, atual diretor da Universitária FM; e Nelson Augusto, um dos produtores musicais da rádio. Utilizamos como critérios para a escolha dos entrevistados serem pessoas da Rádio e do BORA. Marco Leonel foi escolhido por ser integrante do Movimento e ter tido contato direto com a Rádio, chegando a trabalhar na emissora¹⁰. Nonato Lima foi escolhido por ser o diretor da Rádio, se configurando como aquele que tem uma visão geral da emissora. Alan Mendonça é o articulador do BORA, ou seja, seria a pessoa que teria mais propriedade para falar em nome do Coletivo. Nelson Augusto é um entre vários produtores musicais da Rádio, mas escolhemos entrevistá-lo por ser o produtor que apresenta a maior parte dos programas ligados à música cearense, além de ser produtor cultural e manter contato constante com a cena musical e artistas da cidade.

No período em que estávamos iniciando as leituras para a pesquisa, depois da feitura do projeto, surgiu uma proposta para trabalhar na Rádio Universitária. Depois dessa coincidência mais do que feliz, o aceite foi quase imediato. Ingressamos no setor de Jornalismo, porém poucos meses depois fomos integrar a equipe do site da Rádio. A mudança de setor e de funções proporcionou uma interatividade com mais funcionários, fato que proporcionou uma aproximação ainda maior com a Rádio. Na equipe do site entramos em contato com Marco Leonel Fukuda, vindo ele a ser o primeiro entrevistado para a pesquisa. A partir do exposto fica clara a observação participante como método de pesquisa. André (1995, p. 28) coloca que “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”. Também realizamos observação

⁸ ZUCULOTO, V.R.M. A construção histórica de rádios públicas brasileiras. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

⁹ ROGÉRIO, Pedro. Pessoal do Ceará: habitus e campo musical na década de 1970. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

¹⁰ Marco Leonel Fukuda foi bolsista da RUFM no período de março a dezembro de 2011.

participante na pesquisa do Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo. Fomos a projetos do Movimento, como o “Quanto Vale uma Canção?” e “Um mais um mais do que dois”. Também fomos a campo e assistimos a shows dos participantes do Movimento, assim como também estivemos em festivais a fim de observar a participação do BORA, como a “Mostra de Música de Fortaleza Petrúcio Maia” e a “Feira da Música”.

Outro procedimento muito importante realizado para esta pesquisa foi um mapeamento da programação da Rádio Universitária. A ideia do mapeamento surgiu através da qualificação realizada na disciplina “Pesquisa em Comunicação”, ministrada pela professora Deisimer Gorczewski. A professora convidada para a banca, Andrea Pinheiro, sugeriu uma análise da programação como um todo da RUFM, ao contrário do que estava sendo proposto no projeto, de analisar programas específicos dedicados à música cearense. O propósito seria ampliar a análise a ser realizada, observando como e onde a nova geração está presente na programação musical, como é apresentada na Rádio, entre outros aspectos. Decidimos então gravar duas semanas de programação da Rádio, com o objetivo de analisar dois momentos da Universitária FM. O primeiro momento, gravado em março de 2011¹¹, representa o momento anterior à reformulação da programação da Rádio. O segundo momento, gravado em outubro de 2011¹², representa o momento posterior à reformulação da programação da Universitária. O procedimento inicial era transcrever toda a programação musical da rádio, inclusive pesquisando intérpretes e compositores que não eram anunciados pela locução, no período da madrugada. Este método se mostrou infundável e pouco eficaz. Então, começamos a escutar toda a programação musical fazendo anotações de acordo com critérios específicos, que envolviam identificar todas as músicas, assim como seus compositores e intérpretes; horário e nome dos programas; locutor e produtor; a forma como as músicas são apresentadas, de que se trata o programa, como ele é conduzido, etc. Seguimos com este procedimento, porém não conseguimos avançar nos dias da semana, mesmo com o passar de meses. Afinal, eram duas semanas de programação musical que deveriam ser mapeadas em sua totalidade, o dia todo. Com o andamento dos trabalhos de escuta e transcrição da programação, ao final somando 78 páginas, fomos percebendo detalhes que auxiliaram a redefinir os critérios utilizados, refinando e orientando a escuta e transcrição para os programas citados pelos entrevistados. O

¹¹ A semana analisada corresponde ao período do dia 6 ao dia 12 de março de 2011.

¹² A semana analisada corresponde ao período do dia 23 ao dia 29 de outubro de 2011.

tempo reduzido para a produção de um trabalho monográfico foi também um dos fatores para a redefinição dos critérios. Por fim, produzimos um documento de análise que nos foi imprescindível para esta pesquisa.

O estudo da relação entre a Rádio Universitária FM e o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo foi proposto em três capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado às considerações referentes ao meio radiofônico. Iniciamos abordando a temática rádio público. Realizamos um breve levantamento histórico do rádio, focando no estudo da programação musical, trazendo abordagens do conceito de cultura implicados nos diferentes modos de configurar a programação radiofônica. E, aos poucos, entramos em questões mais específicas e singulares, iniciando nosso estudo da Rádio Universitária FM. Também passamos rapidamente pela história da emissora, sempre com a ênfase na programação musical, até chegar na composição atual da programação da emissora. Já trazemos entrevistas neste capítulo, mesclando também com as visões dos teóricos.

O segundo capítulo é dedicado ao segmento musical. Tentamos resgatar alguns momentos da história da música cearense, concentrando nossas atenções nos Coletivos e Movimentos musicais. O destaque é para o Pessoal do Ceará, trazido através da referência de Pedro Rogério, passando também por experiências de organizações musicais anteriores, situando, brevemente, a experiência do Fórum Música Plural Brasileira. Chegamos então aos sujeitos da nossa pesquisa, à nova geração da música autoral cearense, que desponta com o BORA! – Ceará Autoral Criativo. Apresentamos o Coletivo, passando por sua criação, objetivos e interferências no espaço urbano e midiático.

O último capítulo entrecruza os dois sujeitos da pesquisa. Procuramos utilizar todo o material construído no processo de pesquisa, propondo pensar sobre essa relação entre sujeitos, as aproximações e distanciamentos, os aspectos específicos e singulares de cada um, seus modos de interagir e interferir, inclusive, no cenário musical e midiático local. Esboçamos problematizações e constatações e, ainda, sugestões para a continuidade da dinâmica e interação entre a Universitária FM e o Coletivo BORA.

Percebemos a partir do processo de pesquisa, das análises e das vivências, que uma aproximação entre a Rádio Universitária FM e a nova geração da música autoral cearense começa a ser plasmada. Por um lado há um movimento da Rádio, através de mudanças que estão ocorrendo, envolvendo um processo coletivo de reuniões de planejamento, contribuições de estagiários, professores da UFC, técnicos e funcionários

da emissora. Constatamos que essa relação entre a Rádio e a nova geração da música autoral vem se estreitando também como parte de um processo construído por esses músicos, que vêm se fazendo presente no cenário musical da cidade e produzindo arte, cultura, música.

1 RÁDIO PÚBLICO E A RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM DE FORTALEZA

Para pensar sobre a relação entre a Rádio Universitária FM e a nova geração da música autoral cearense, propomos, antes de tudo, apresentar o nosso entendimento sobre a Rádio Universitária FM e, respectivamente, a nova geração da música autoral cearense. Neste capítulo nos dedicaremos principalmente, mas não apenas, a entender que rádio estamos tratando. Abordaremos de início as questões macro referentes ao segmento do rádio público no Brasil para depois tratarmos do aspecto micro, apresentando e discutindo as questões referentes à Rádio Universitária FM.

Em sendo universitária, essa Rádio está dentro de um campo maior que abarca as rádios públicas. Consideramos a concepção de Valci Zuculoto (2010) para colocar em debate as questões referentes ao rádio público brasileiro. Em sua tese intitulada “A Construção Histórica da Programação de Rádios Públicas Brasileiras”, a pesquisadora propõe uma retomada histórica das rádios brasileiras não-comerciais¹³, focando suas análises nas programações dessas emissoras. As rádios estudadas por ela pertencem ao que se entende como o grande campo público da radiodifusão, o qual engloba todas as rádios não-comerciais (ZUCULOTO, 2010). Para podermos entender e nos aprofundar no estudo sobre a Rádio Universitária FM vamos, então, primeiro conhecer um pouco da história e da realidade atual do rádio público brasileiro.

A partir dessa discussão inicial, iremos seguir a linha de reflexão de Zuculoto (2010, p.35) no que se refere ao estudo das programações e das concepções de cultura relacionadas às programações radiofônicas.

[...] compreendemos que a programação é um dos lugares privilegiados onde se pode melhor detectar e analisar funções, papéis que estas emissoras têm cumprido, lógicas e diretrizes que vêm adotando, enfim, perfis que estão construindo.

A partir dessa perspectiva mais ampla sobre o rádio público, entraremos no nosso estudo propriamente dito. Ou seja, neste capítulo faremos uma apresentação histórica da emissora, identificando, em especial, como ela está atualmente constituída, o que busca e como está compondo sua programação musical, sendo essa a ênfase da pesquisa em questão. Também traremos algumas questões do rádio público para podermos analisar o processo da Universitária FM.

¹³ As rádios consideradas por Zuculoto não-comerciais são as rádios estatais, educativas, culturais e universitárias.

1.1 Rádio público brasileiro

O rádio brasileiro nasceu com o objetivo de levar cultura e educação para a população do Brasil. O segmento radiofônico brasileiro teve início na década de 20, oficialmente fundado em 1922 por Roquette-Pinto. Para entender basicamente como este segmento público radiofônico se desenvolveu no Brasil, recorreremos ao levantamento histórico e à periodização realizados por Zuculoto (2010).

Nesse levantamento a autora resgata as fases de constituição do rádio público brasileiro, destacando as transformações mais expressivas e as emissoras que foram referência, especialmente as que contribuíram de forma mais significativa para os modelos de programação das atuais emissoras do campo público. Ela organiza a história por fases, sublinhando os momentos mais importantes do segmento radiofônico público. (ZUCULOTO, 2010, p. 62)

Década de 20 ao início dos anos 40: 1ª fase – Pioneira – [...] precisa ser analisada desde os anos 20 do século passado, quando a radiofonia geral é implantada no Brasil, já que, neste período, ainda não havia a divisão em sistemas comercial e não-comercial. As concepções de Roquette-Pinto para o então novo meio de comunicação, de transmitir educação e cultura para o povo brasileiro, são aplicadas por todas as emissoras pioneiras no país. Isto mesmo nos primeiros anos que se seguiram à implantação do rádio comercial e o início do sistema educativo, com a doação da emissora de Roquette-Pinto, a Rádio Sociedade, para o Ministério da Educação e Saúde (MES), em 1936. [...]

- Meados dos anos 40 ao começo da década de 70: 2ª fase – Ensino pelas ondas radiofônicas – é aquela em que o sistema efetivamente começa a se desenvolver buscando se firmar como educativo. O segmento passa a incluir produção e transmissão de programas de educação formal, instrucionais, com incremento de aulas pelas ondas radiofônicas. Enquanto isso o Rádio Comercial vive sua Era do Ouro até o início dos anos 60. A PRE 8 – Rádio Nacional do Rio de Janeiro é estatizada pelo governo federal, mas continua operando como emissora comercial. E paradoxalmente, torna-se uma das maiores expressões desta época áurea da radiofonia comercial que se tornou hegemônica na radiodifusão brasileira. A Rádio MEC do Rio de Janeiro já não tem mais Roquette-Pinto no comando [...], mas as suas linhas de programação voltadas à educação e cultura são tomadas cada vez mais como a missão da emissora. E assim a MEC começa a se firmar como rádio referência no segmento educativo.

Também é nesta fase que começam a serem implantadas rádios educativas vinculadas a universidades. A primeira emissora universitária foi a da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que entrou no ar em 1957 (DEUS, 2003, p. 8). Em 1969, a Cultura de São Paulo, em operação desde 1936, deixa de ser comercial com sua outorga passando para a Fundação Padre Anchieta, do governo estadual paulista. A partir do golpe militar de 64, ao mesmo tempo em que sofrem os efeitos [...] especialmente da censura e demais restrições impostas pela ditadura, [...] começam a se

beneficiar de políticas de integração nacional com estímulo ao incremento da radiodifusão e aqui, principalmente com os estímulos ao desenvolvimento da educação radiofônica.

Do início dos anos 70 até final da década de 80: 3ª fase - “Era de Ouro” do Rádio Educativo – esta, classificamos como a fase áurea da história da radiofonia pública, com o apogeu do Rádio Educativo. Período de consolidação da radiofonia educativa mais voltada para o ensino instrucional, sob a influência da legislação, dos avanços das tecnologias da comunicação e da intensificação das políticas dos governos militares. [...] Frente à concorrência da televisão e com as novas tecnologias, assim como todo o rádio, inclusive o comercial, também o segmento então conhecido como educativo precisa buscar alternativas de sobrevivência.

Por isso, esta igualmente é a fase de avanço da educação não formal como linha de programação, com a época do estabelecimento das cadeias retransmissores, possibilitadas por satélite, tendo a Rádio MEC-Rio como a cabeça de rede principal e a Cultura AM de São Paulo, agora já operando como não-comercial, como referência em franca consolidação. Este avanço tem como principal expressão a instituição do SINRED – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa que reúne emissoras educativas em co-produções e em transmissões de programas em cadeia nacional. [...]

Anos 90: 4ª fase – A explosão das FMs educativas e universitárias - com o grande crescimento do número das FMs também no campo público, disseminando concessões principalmente para as Universidades, é a fase da organização em especial das emissoras universitárias. O chamado sistema educativo, então, busca organizar-se contando tanto com as estatais quanto com as culturais e universitárias, através de redes formais e informais. A Rádio MEC tenta reeditar o SINRED. Mas o que se evidencia, como uma das grandes movimentações deste período, é o trabalho conjunto de coberturas das SBPCs, as Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Rede Universitária de Rádios. Embora tivesse, entre emissoras coordenadoras, a Rádio MEC-Rio, e contasse com a integração de outras rádios estatais, a Rede para coberturas das SBPCs fez história comandada principalmente pelas universitárias, daí o seu título. Esta fase [...] é também caracterizada pelo fato de as próprias emissoras passarem a se autodenominar rádios públicas.

Anos 2000: 5ª fase – em busca do Sistema Público de Rádio – é a implantação do rádio digital [...]. É o período do debate e testes do padrão a ser adotado no Brasil. [...] busca de uma definição sobre, afinal, quais emissoras efetivamente compõem o sistema público, quais realmente são as rádios públicas e cumprem o papel de atender, com sua programação, ao interesse público. Aprofunda-se o debate sobre sistema público e sistema estatal de rádio. As Universitárias tentam, novamente, uma articulação. Em 2004, é fundada a ARPUB – Associação das Rádios Públicas do Brasil.

[...] chegam aos dias atuais fervilhando em discussões, polêmicas e tentativas de definições, em especial a partir do governo federal que, depois de instituir a TV Pública, criando a EBC-Empresa Brasil de Comunicação, busca liderar a constituição do Rádio Público. Especialmente sob o comando da Associação das emissoras e da Radiobrás se realiza o I Fórum Nacional de Rádios Públicas, em novembro de 2007, onde o governo Lula apresenta sua proposta de constituição de um Sistema de Rádio Público. Poucos meses depois, o governo federal institui, na EBC, a Superintendência de Rádio. Em 2009, UnB, ARPUB e EBC promovem o Seminário e III Encontro Nacionais de Rádios Públicas, onde são discutidos novos projetos de programações em rede. O segmento define teses para a I Conferência Nacional de Comunicação - Confecom¹⁴. (ZUCULOTO, 2010, p. 62–65)

¹⁴ A I Conferência Nacional de Comunicação aconteceu entre 14 e 17 de dezembro de 2009 em Brasília. A Conferência aprovou 672 propostas para a área de comunicação. Entre elas, estão a que tenta criar

A partir dessa periodização podemos ter uma idéia mais clara da trajetória do rádio público no Brasil. O rádio nasce com a finalidade de educar e levar cultura para a população. Mas, apesar desse meio de comunicação ter iniciado seu desenvolvimento no país com essa expectativa de educação da grande massa populacional brasileira, a qual nessa época era ainda em grande parte analfabeta¹⁵, o início da radiodifusão se mostra de fato como um processo elitista. Gurgueira *et al.* (1995 *apud* Souza *et al.*, 2004, p.112) coloca os motivos pelos quais o rádio foi se constituindo como um veículo elitizado na década de 20.

[...] escassez de aparelhos receptores e seu alto custo; os problemas técnicos de instalação e da recepção das transmissões; o pagamento de taxas às emissoras e ao governo para obtenção da licença de instalação e da recepção das transmissões; o pagamento de taxas às emissoras e ao governo para obtenção da licença de instalação do aparelho receptor; a irregularidade das transmissões devido aos problemas técnicos das emissoras e, por fim, o caráter erudito da programação.

A educação no rádio começa pelas vias formais, seguindo formatos parecidos com aulas. No que se refere à música, a erudita era a que predominava na programação e tinha a intenção de transmitir cultura à população.

E o que se pode perceber neste resgate histórico é que tal característica se deveu ao fato de ser considerada o símbolo de transmissão da cultura e de educação, juntamente com a veiculação de palestras [...], além de programas instrucionais. (ZUCULOTO, 2010, p. 94)

Mas, por que, ou por quem, a música erudita é considerada símbolo de transmissão de cultura e educação? Pela classe elitista que não só escutava os programas veiculados no início do rádio brasileiro, como também participava da produção dos mesmos. (ZUCULOTO, 2010).

Com o advento do rádio comercial no final dos anos 1930, que culminou no período da “Era de Ouro” desse segmento, na década seguinte, a predominância da música erudita no segmento público radiofônico sofreu alterações, mas não desapareceu de todo. “Foi a era do rádio espetáculo, das grandes produções radiofônicas – de

programas específicos que discutam as realidades culturais local e regional, com a participação dos artistas, em seus mais diversos segmentos, dos meios de rádios, TV e Internet, bem como nos veículos de comunicação impressa; a que tenta estabelecer que as mídias radiotelevisivas, jornais, revistas, cinema, contemplem a produção e conteúdos locais e regionais. Mais informações sobre a Conferência podem ser acessadas em: <http://proconferencia.org.br/assunto/confecom/>.

¹⁵ Segundo censos demográficos do IBGE, a taxa de alfabetização da população de 15 anos ou mais no Brasil nos anos 1920 era de apenas 35%. Fonte: http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_99/td_639.pdf

radionovelas aos programas de auditório e musicais, das orquestras próprias, cantores e conjuntos exclusivos das estações.” (ZUCULOTO, 2010, p. 101). O rádio comercial conquistava cada vez mais audiência, seguindo uma linha de programação mais voltada para o popular.

E paradoxalmente, uma das maiores expressões da Era do Ouro do rádio no Brasil foi uma emissora vinculada ao Estado, por estatização do governo Getúlio Vargas: a PRE 8 - Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A Nacional começou a transmitir como comercial em 1936, [...]. Quatro anos depois passou a ser patrimônio da União, através de encampação. Porém, administrativa e financeiramente continuou funcionando como as demais emissoras comerciais da época. (ZUCULOTO, 2010, p. 102)

A PRE 8 veio responder a objetivos políticos do governo de Vargas, no sentido de alcançar as massas e promover a integração nacional. (ZUCULOTO, 2010). Ela se tornou uma referência para todas as rádios brasileiras, tanto na programação jornalística quanto na musical. Como seu modelo era o de uma rádio comercial, apesar de sua natureza pública, a PRE 8 influenciava mais as rádios comerciais. Mesmo assim ela deixou também muitas influências para o campo público radiofônico. No aspecto musical, por exemplo, podemos destacar a importância que começou a ser dada à música popular brasileira e aos músicos nacionais, bem como também à música pop internacional. Além disso, os formatos foram diversificados, com a informalidade ganhando destaque no lugar daquele eruditismo inicial. Zuculoto (2010, p. 108) destaca as mudanças ocorridas na programação musical da Rádio MEC, influenciadas pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, exemplificando assim a importância desta rádio no segmento público:

Igualmente nas produções musicais da MEC se evidenciam influências do apogeu do modelo comercial padronizado pela Nacional. Neste quesito, mais uma vez a emissora buscou adequar, ao seu perfil, a busca de popularizar e ampliar a audiência. Além de prosseguir com programações eruditas, passou a transmitir muita MPB, samba, músicas regionais, música internacional, incluindo jazz. Mas todos estes gêneros sempre com o cuidado de não se desviar do que considerava como seu padrão cultural, com raízes nos ideais de Roquette-Pinto. De acordo com o pesquisador e crítico de MPB, Ricardo Cravo Albin, também produtor da Rádio MEC, a programação da emissora privilegia, desde aquela época, a “boa música popular brasileira, aquela que não tem compromisso inarredável (pelo contrário) com a música comercial”¹⁶.

Nesse sentido, podemos inferir que a programação musical das rádios públicas, depois do advento do rádio comercial, passeia entre o erudito e o popular. Como se

¹⁶ O trecho entre aspas é referenciado por Zuculoto da seguinte maneira: (MILANEZ, 2007, p. 129-130).

dava essa passagem? Configurada com o ideal de difundir a cultura, a Rádio MEC apresentava uma programação pautada pela “boa música”, que pode vir a ser relacionada com uma música que possui um valor independente do comercial.

Pedro Rogério (2008) fala da música considerada comercial como associada aos interesses mercadológicos das rádios privadas, que estavam no centro da escolha dos grandes nomes da música nacional, aqueles que iriam vender discos.

Se os críticos querem impingir um gosto aos artistas, a indústria cultural não só quer como de fato impõe um repertório musical que forjando gostos musicais no povo forma a massa de consumidores de discos. (ROGÉRIO, 2008, p. 81).

Então, qual era o propósito das rádios públicas ao expandirem o leque de estilos musicais na sua programação? Era o de popularizar e ampliar sua audiência, buscando se aproximar do estilo das rádios comerciais, porém sem abandonar os ideais de Roquette-Pinto, quais sejam, de difundir cultura e educação à população brasileira.

A partir do que foi apresentado neste panorama inicial, manifesta-se a noção de cultura das rádios públicas. Com o advento da “Era de Ouro” das rádios comerciais, essa noção sofreu algumas mudanças, mantendo, entretanto, suas raízes no modelo traçado por Roquette-Pinto.

Sérgio Mattos (2003), citado por Zuculoto (2010), afirma que o rádio é um instrumento de utilidade pública e de integração regional, tendo ele a obrigação de levar diversidade cultural para a sua audiência. Contudo, o que a autora constata é que o cumprimento dessa exigência depende basicamente da compreensão que cada rádio acumulou acerca dessas funções. “Depende de como, na prática, [...] suas produções, por exemplo, levaram cultura e educação aos seus ouvintes.” (ZUCULOTO, 2010, p. 43)

Essa visão de cultura, que num primeiro olhar parece homogênea, está relacionada ao processo de construção histórica das programações de cada emissora, como também varia dentro de cada uma delas. (ZUCULOTO, 2010). Para continuarmos nosso percurso neste trabalho, necessitamos antes trabalhar um pouco mais em cima de alguns conceitos de cultura relacionados à programação radiofônica. Assim, questionando e compreendendo esses conceitos, poderemos nos situar melhor no contexto do nosso objeto de estudo e dessa forma termos a possibilidade de trabalhá-los na análise da programação da rádio, o que será feito no terceiro capítulo.

Zuculoto (2010, p.51) diz que analisa

cultura nas programações como uma concepção que deve ser ampliada, agregar uma diversidade de elementos, manifestações e expressões que permitam observar e expressar a construção da identidade de um povo, uma sociedade, uma comunidade.

Podemos citar ainda Barbero *et al.* (2002, p. 71-73 *apud* Zuculoto *et al.*, 2010, p. 53), o qual fala da dimensão cultural na programação da televisão pública e trazer suas reflexões para o âmbito do rádio público.

[...] é cultural a televisão que não se limita à transmissão de cultura produzida por outros meios, mas a que trabalha na criação cultural a partir de suas próprias potencialidades expressivas. O que envolve não se limitar a ter alguma faixa de programação com conteúdo cultural, mas sim ter cultura como projeto que atravessa qualquer um dos conteúdos e dos gêneros. [...] legitimar a produção experimental, concedendo-lhe reconhecimento social e valor cultural.

Kaplún *et al.* (1978 *apud* Zuculoto *et al.*, 2010), fala sobre a concepção de um programa cultural, que às vezes é entendido como algo erudito que se distancia do popular. Segundo ele, a cultura muitas vezes é vista como um produto destinado às elites. Podemos indagar se esta não seria a ideia de cultura utilizada no início do surgimento do segmento radiofônico, ou se ela não estaria ainda presente em muitas rádios públicas nos dias atuais.

Trazemos também a reflexão de Theodor Adorno sobre música e produções radiofônicas, a partir das releituras de Zuculoto (2010). Adorno (1993) critica qualquer tipo de produção radiofônica, dizendo que nenhuma pode ser tomada como transmissão de cultura, já antecipando o seu conceito de Indústria Cultural (ainda não criado na época), afirmando que as produções radiofônicas são padronizadas e estereotipadas, não passando de peças de entretenimento. Zuculoto (2010, p.55) questiona se, a partir desse teórico, não podemos nos perguntar se “ao menos as emissoras do campo público conseguiram escapar da programação culturalmente massificada e estandardizada que ele atribui a toda e qualquer transmissão radiofônica.” Ela coloca também que as referidas críticas de Adorno ocorreram justamente no início da radiofonia brasileira, inclusive do segmento público que se apresenta como seguidor de Roquette-Pinto.

Trazemos, por fim, a reflexão de cultura proposta por Ortiz (1994, p.79), o qual afirma que “para se pensar como se estrutura atualmente o campo da cultura é necessário levar-se em consideração a atuação do Estado brasileiro, que sem dúvida alguma é um dos elementos dinâmicos e definidores da problemática cultural”.

Não esqueçamos os conceitos sobre cultura acima expostos, pois eles serão úteis durante todo o nosso percurso, na tarefa de refletir acerca da(s) concepção(ões) de cultura que a Rádio Universitária FM tem como referencial.

1.2 Rádio Universitária FM – “A sintonia da terra”

A Rádio Universitária FM foi criada em 22 de fevereiro de 1981 e inaugurada em 15 de outubro do mesmo ano pela Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura.¹⁷ A emissora surgiu numa década em que os canais de FM começavam a ser distribuídos no país. Segundo Zuculoto (2010), que cita Blois (1996), mesmo existindo uma reserva de canais educativos de rádio e TV desde os anos 60, foi somente em meados dos anos 70 que o Ministério das Comunicações estabeleceu diretrizes para outorgas referenciando especificamente os canais de radiodifusão sonora de FM para fins educativos. Até 1984, vinte canais FM destinados à educação, de 350 disponíveis, haviam sido outorgados, com catorze emissoras em funcionamento e seis em fase de instalação.

A Universitária FM surgiu com o objetivo de abrir um canal de comunicação entre a Universidade Federal do Ceará e a sociedade¹⁸ e de transmitir uma programação voltada para a educação não formal e de divulgação da produção cultural da Universidade¹⁹.

Pérez (2000, p. 6-8) coloca que a educação não formal incide em aspectos “*relacionados con la motivación, la información de servicio público, la modificación de conductas, la divulgación de cuestiones de interés social, etc.*” Ele cita um exemplo prático.

Esta enseñanza a veces se puede hacer de manera tan informal como utilizando las radionovelas a través de las cuales es posible explicar, por ejemplo, cómo preparar comidas más nutritivas, cómo obtener más rendimiento de una plantación o como prevenir enfermedades.

Medeiros (2009, p. 51) afirma que nos anos iniciais da Rádio Universitária FM a programação musical era, em grande parte, onde a emissora manifestava a vocação para a educação não formal.

¹⁷ UNIVERSITÁRIA FM 107,9 - GUIA DE PROGRAMAÇÃO, 2012, p. 7

¹⁸ *Ibid.*, p.7

¹⁹ Disponível em <<http://radiouniversitariafm.com.br/radio/258-historico>>. Acesso em: jul. 2012.

[...] a educação não-formal se insere sutilmente na programação, sendo levada em consideração já na feitura dos programas, em um processo que envolve desde a escolha das músicas até o tratamento dado ao conteúdo informativo.

Já a educação formal, presente no rádio brasileiro nas primeiras décadas de seu surgimento, segue um padrão instrucional, obedecendo a um modelo de transmissão de aulas.

Com relação ao objetivo relacionado à cultura da Rádio Universitária, nos questionamos: divulgação e/ou criação? Relembramos aqui o conceito de Barbero (2002, p. 71-73) apresentado anteriormente, no qual ele comenta que é cultural a televisão²⁰ que trabalha com a ideia de invenção, legitimando a produção experimental. “[...] não se limitar a ter alguma faixa de programação com conteúdo cultural, mas sim ter cultura como projeto que atravessa qualquer um dos conteúdos e dos gêneros”.

O período em que a Rádio Universitária surgiu é também considerado o da Fase de Ouro do rádio educativo, quando as rádios públicas se reúnem no SINRED – Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa, para coproduções e transmissões de programas em cadeia nacional. É uma época também de estímulo à programação com a linha de educação não formal. Marlene Blois categoriza seis fases distintas do Rádio Educativo, durante pesquisa realizada em 1995-96, dentre as quais podemos situar o surgimento da Universitária FM:

Quinta Fase, iniciada em 79, assinalou a conjugação de meios massivos à Educação e se consolidou com a inauguração de FM educativas, com a interação das emissoras em um sistema, com novos espaços se abrindo para a atuação do rádio. O fim do SINRED/ Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa encerrou esta fase de tão grandes ganhos para o Rádio Educativo. Sexta Fase, a fase atual do Rádio Educativo, teve seu início em 95 com o término das ações do SINRED. Consolida o compromisso de radialistas com a Educação, ampliando-se as ofertas radiofônicas educativas, agora também pelas rádios comunitárias. O rádio segue acompanhando a tecnologia do seu tempo, tanto em suas práticas de produção quanto nas de transmissão, surgindo emissoras educativas na Internet. (BLOIS, 2003, p.2)

A emissora se destacou por conta de sua ênfase na programação jornalística, sendo no estado do Ceará a pioneira neste segmento de programação em FM. A emissora

[...] também teve repercussão pelo intercâmbio com as demais emissoras do então chamado sistema educativo, inclusive o SINRED, do qual participou. Nos anos 90, a rádio da UFC também foi uma ativa participante das primeiras

²⁰ Entendemos que este conceito pode ser aplicado à programação radiofônica.

edições da Rede Universitária de Rádio para a cobertura da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) [...]. Ao rodarem o país, para a divulgação em rede da produção e pesquisa científica nacional, constituíram novamente um espaço no qual também trocaram influências, especialmente sobre inovações nas programações em busca de uma grade mais adequada à sua autoproclamada missão educativa, cultural e voltada ao interesse público. (ZUCULOTO, 2010, p. 141 e 142)

Com relação à programação musical, a Rádio Universitária FM se coloca como tendo assumido uma posição inovadora e de ruptura com o cenário radiofônico do início da década de 1980, quando predominavam a massificação de músicas internacionais, sobretudo nas rádios em frequência modulada (FM). A Rádio se propôs a colocar em sua programação músicas que representassem, principalmente, a diversidade brasileira, com ritmos que transitavam entre a música erudita e o forró²¹.

Como vimos no item anterior, a Rádio MEC do Rio de Janeiro já havia iniciado essa tendência, sob influência da PRE 8, diversificando a sua programação musical para buscar ampliar e popularizar sua audiência, mas sem perder o compromisso com os ideais de Roquette-Pinto, selecionando as músicas de acordo com o padrão do que representava cultura para a emissora, privilegiando a “boa música popular brasileira, aquela que não tem compromisso inarredável (pelo contrário) com a música comercial”. (MILANEZ, 2007, p.129-130). Mas com relação aos estilos de música tocados em rádios FM no Ceará, pode-se dizer sim que a Universitária inaugurou essa tendência.

“O rápido sucesso de público da Universitária também é creditado pelo espaço que, desde seu início, foi dedicado às manifestações culturais, incluindo a música, local e regional, bem como às campanhas identificadas com a população.” (ZUCULOTO, 2010, p. 142). Essa característica de rádio pública e, no âmbito local, de uma rádio que era também alternativa às outras rádios FM, permeia a história da Universitária desde o seu surgimento. É o que Nelson Augusto²² expressou em entrevista realizada para este estudo.

A Rádio Universitária foi a primeira rádio aqui do Ceará a tocar esse pessoal alternativo, [...] Xangai, Vital Farias, Geraldo Azevedo. Alguns como o Geraldo Azevedo já tinham um certo espaço nas outras rádios, mas

²¹ UNIVERSITÁRIA FM 107,9 - GUIA DE PROGRAMAÇÃO, 2012, p. 13

²² Nelson Augusto ingressou na rádio como bolsista em 1981 (essa foi a data em que a rádio foi inaugurada oficialmente, mas antes ela funcionou em caráter experimental, aí não tenho os dados de por quanto tempo. O Nelson entrou ainda nessa fase de caráter experimental.). Era estudante do curso de Letras da UFC. Entrou na rádio na fase de experimentação. Depois cursou Comunicação Social (Jornalismo) na UFC e trabalhou em outros veículos midiáticos de Fortaleza. Sempre foi conhecido e reconhecido por sua relação com a música, já que é produtor musical e conhecedor do assunto. Esteve na rádio durante os 30 anos de existência da emissora e atualmente é produtor musical e apresentador de vários programas na Universitária.

*as músicas do lado B, as músicas menos conhecidas do repertório dele só tocavam na Rádio. Alceu Valença né, e também o pessoal aqui do Ceará. Então a gente, quando eu vejo, por exemplo, nos barzinhos o pessoal tocando “Ai que saudade de você” né, aquela música do Vital Farias, “não se admire se um dia um beija flor invadir”, que depois a Elba gravou, a gente já tocava a gravação original do Vital. Então, quer dizer, a Rádio teve uma grande importância nesse tipo de divulgação da música desde o início [...]. Alguns deles [artistas] chegaram a fazer apresentação em Fortaleza e a gente teve a oportunidade de conversar, fazer entrevistas, trazer pra rádio né. Então quer dizer, foi uma comunicação alternativa desde o início com a boa música brasileira e também com a boa música internacional.*²³ (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

Outro aspecto a ser ressaltado, que pode ter contribuído também para essa característica musical mais alternativa pela qual a Rádio Universitária ficou conhecida, é o fato de Rodger Rogério, músico integrante do movimento cultural que ficou conhecido como Pessoal do Ceará, ter sido diretor da Rádio²⁴. No capítulo seguinte nos deteremos mais sobre esse movimento artístico marcante para a música cearense.

Hoje a Rádio Universitária FM ainda disponibiliza a maior parte da sua programação ao segmento musical²⁵. A emissora tem uma média de 45 programas, dos quais mais de 70% são musicais ou abordam temas relacionados à música²⁶. A Rádio assim descreve a sua programação musical:

De segunda a sexta, logo após o primeiro noticiário do dia, entra no ar a música regional, mostrando todo o potencial do cancioneiro nordestino. Em seguida, uma variada seleção de músicas se interligam e dialogam, contando e cantando a diversidade e a evolução da música popular brasileira através dos tempos.

À tarde, a música une-se a entrevistas, notícias, agenda, participação do ouvinte e poesia, com o objetivo de tornar mais eficiente a proposta de educação não-formal presente em toda a programação.

A noite é reservada aos ritmos mais clássicos como rock, jazz, blues, música erudita e MPB. São programas especialmente elaborados para o deleite do ouvinte e para os que têm interesse em conhecer melhor a história e evolução desses estilos.

O final de semana tem um desenho diferente. Aos sábados, pela manhã, uma seleção especial de música brasileira. À tarde, a pluralidade ultrapassa as fronteiras do Brasil e abre um leque de sons que entrelaçam diversas culturas dos quatro cantos do mundo. À noite, uma produção leve, elaborada em clima nostálgico para agradar aos ouvidos mais românticos.

²³ Sempre que utilizarmos textos das transcrições das entrevistas concedidas por Marco Leonel Fukuda, Nonato Lima, Nelson Augusto e Alan Mendonça, utilizaremos o recurso do itálico, a fim de diferenciar das citações de autores/teóricos/documentos.

²⁴ Informação que tínhamos a partir do contato com a rádio, confirmada em entrevista realizada com Nelson Augusto.

²⁵ No último capítulo deste trabalho apresentamos dados de um mapeamento da programação musical da Rádio Universitária FM, realizado para esta pesquisa. O mapeamento é realizado em dois períodos pontuais, um em março de 2011 e outro em outubro do mesmo ano.

²⁶ O número exato de programas e da porcentagem de programas musicais não foi divulgado, pois a grade de programação do site da emissora encontra-se desatualizada.

O domingo começa com músicas, fatos, eventos, curiosidades e artistas que construíram a história do rádio brasileiro, encerrando a manhã com o chorinho tocado ao vivo em nossos estúdios. Em seguida chega o hip-hop, MPB e a música instrumental.²⁷

A Rádio da UFC possui, a priori, uma programação musical bem variada que, segundo a linha de programação da própria rádio, representa uma pluralidade. Um aspecto importante da programação musical da rádio é a ligação de música e informação. Busca-se seguir o propósito de educação não formal e o de registro e divulgação da cultura. Alguns programas da emissora procuram ampliar o conhecimento dos ouvintes em relação a determinado estilo de música, em relação a algum artista específico ou em relação ao universo musical em geral. Há programas com entrevistas, outros em que o locutor vai acrescentando informações além das músicas, bem como programas temáticos, etc. Nelson Augusto, em entrevista concedida para este estudo, comenta sobre essa característica da emissora.

[...] é uma emissora educativa e não tem aquele caráter de colocar aulas, como tem rádio educativa que coloca aula pras pessoas, é uma educação informal né, é bem informal, a nossa formação coloca lá, toca música, fala do compositor, explica, situa, sempre foi assim. Os programas acompanhados com textos e informações a respeito do artista ou do tema focado no programa. (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

Nonato Lima²⁸, em entrevista concedida para este estudo, coloca que a qualidade e a diversidade da programação musical da Universitária FM são reconhecidas.

[...] a gente tem uma média de 35 a 40 mil ouvintes permanentes. Pessoas que se identificam, “sou ouvinte da Rádio Universitária em Fortaleza”. Então isso dá o que, 2% da população [...]. E a gente pega todos os segmentos, não é nenhum segmento exclusivo. Há uma predominância do público de nível médio e superior. Mas é quase uma consequência do padrão de rádio que a gente trabalha. Você tem uma programação, primeiro uma programação segmentada de verdade. Nós não tocamos aqui um único ritmo, nem um único artista e a gente não tá preocupado em quem vai faturar mais com show e etc, não é isso. A preocupação é, é música de qualidade? Toca. Aí você diz, “mas que qualidade?”. Aí sim, numa política de programação existe sempre padrões de qualidade né. E aí a gente procura se pautar por esses padrões que minimamente respeitem a produção artística. Mas uma das coisas fundamentais é que não sejam produções que se submetam exclusivamente às regras do mercado e da boa aceitação do público. Não é só para o público aceitar, mas a gente busca uma música que, ao ser aceita

²⁷ UNIVERSITÁRIA FM 107,9 - GUIA DE PROGRAMAÇÃO, 2012, p. 13

²⁸ Nonato Lima ingressou na rádio como bolsista da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Era radialista habilitado e estudante do curso de Letras da UFC. Entrou na rádio na fase de experimentação. Depois cursou Comunicação Social (Jornalismo) na UFC e hoje é docente do curso. Esteve na rádio durante os 30 anos de existência da emissora e assumiu como diretor em 2007. É o atual diretor da Rádio Universitária FM.

ou conhecida pelo público, ela possa ser aceita pelo que ela representa em termos de música, e não porque a gente tocou 10, 15, 20, 30 vezes até as pessoas perderem a paciência e comprarem o CD, não é isso. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Observamos que, para Nonato Lima, o reconhecimento da emissora tem como referência os índices de audiência da mesma e a diversidade da programação musical e do público ouvinte. Cabe o questionamento se a Rádio não disporia de outros critérios para avaliar o reconhecimento da emissora.

Novamente observamos, a partir da fala do diretor, uma relação de compromisso com o rádio público de Roquette-Pinto, quando se fala na não difusão de músicas que estejam sujeitas exclusivamente ao mercado e também em se ter um conceito de cultura que é utilizado como padrão de qualidade para seleção das músicas. Considerando um dos aspectos que a Rádio aborda de sua visão de cultura, podemos nos questionar quanto às questões colocadas por Barbero (2002) sobre a perspectiva cultural das TVs e rádios públicas. Será que a Rádio Universitária FM trabalha em termos de transmissão de cultura produzida por outros meios ou trabalha na criação cultural a partir de suas próprias potencialidades expressivas?

Observamos também a influência da PRE 8, quando se fala em uma programação diversificada e quando se fala que a programação é voltada para todos os segmentos da sociedade, mostrando a importância dada a se popularizar e ampliar a audiência.

Institucionalmente falando, podemos visualizar a idéia de cultura que a Universitária FM propõe. Novamente ressaltamos que, segundo Zuculoto (2010, p.56), a visão de cultura das rádios públicas, que num primeiro olhar parece homogênea, depende do processo de construção histórica das programações de cada emissora, como também varia dentro de cada uma das emissoras. Podemos observar esta variação de opiniões com relação à noção de cultura dentro da emissora estudada, com base na participação no Seminário de Planejamento de 2012 da Rádio Universitária FM²⁹. Nas explanações dos funcionários da rádio, foi dito que a emissora considera os gostos e costumes da região ao selecionar suas músicas e produzir seus programas. Mas foi colocado também que existem programas produzidos a partir dos gostos somente dos produtores. Essa e outras questões serão retomadas e analisadas no terceiro capítulo quando da apresentação e análise da relação entre a Rádio e o coletivo BORA.

²⁹ A participação no Seminário de Planejamento de 2012 foi possível através do contato com a rádio como bolsista da emissora. Realizei observações e produzi anotações no Seminário para fins de estudo.

1.2.1 Mudanças e Reformulações

A Rádio vem passando por mudanças nos últimos anos. Com o início do mandato de Nonato Lima como diretor, a Universitária entrou em um processo de reformulações. Nonato Lima, em entrevista para este estudo, comenta o que pretende na sua gestão. “A Rádio Universitária que nós vamos deixar ao concluir o mandato da direção da rádio [...] será uma nova Rádio Universitária e será a mesma Rádio Universitária.” (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Uma das mudanças que está sendo implantada na Universitária FM é trabalhar melhor sua própria imagem. É o que explica o nosso entrevistado.

Porque havia uma cultura nacional mesmo de que as rádios educativas não precisavam fazer audiência, não precisavam tanto se projetar socialmente, não precisavam de marketing né? E na verdade, a gente sabe que no mundo contemporâneo é preciso que você não só esteja presente, mas é preciso que você se faça presente, que você marque a sua presença. No caso de uma rádio, esse “marque a sua presença”, é manter o compromisso que tem, mas ao mesmo tempo, é, comprometer-se com o aperfeiçoamento das práticas e desse compromisso com a sociedade. Aí nós fomos investir na imagem institucional, mudança de marca pra ação, marca mais contemporânea embora com toda a referência histórica do passado; [...]. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Outra mudança, que se configura como uma das mais importantes para o nosso estudo, é a realização de uma reformulação da programação da emissora.

[...] nós fomos nos preocupar em reestruturar a programação, tanto acrescentamos novos programas que nesses cinco anos, nós mudamos em torno de quase 50% da programação da rádio. Isso juntando os programas novos com os programas que já tinha, mas que foram transformados. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Devemos citar também a criação de ilustrações sonoras, de vinhetas originais, feitas exclusivamente para a Rádio Universitária FM. Quem esteve à frente dos trabalhos de criação das novas vinhetas institucionais foi o músico Marco Leonel Fukuda, estudante de Comunicação Social (Jornalismo) e integrante do movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo³⁰.

³⁰ O movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo será apresentado no capítulo II.

O professor Nonato me passou o desafio de fazer as vinhetas [...]. Tive quatro meses pra produzir, a gente conseguiu fazer 79 vinhetas, a rádio tinha três. [...] A minha parte foi compor, escrever as partituras e regimentar os músicos [...] eram quatro cantores e seis músicos [...]. A gente teve instrumentais, músicas instrumentais para intervalo, a gente queria trazer um pouco do regionalismo também, então a gente fez músicas com baião, a gente fez com xote, a gente fez né, com ritmo nordestino, mas a gente também fez com jazz, a gente fez com bossa nova, com samba, com blues.. Porque a rádio também é segmentada, toca esses outros ritmos também. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Como parte das mudanças da emissora, a Rádio Universitária FM inaugurou um novo site, ainda este ano (www.radiouniversitariafm.com.br). Com novo *layout* e novas seções, além da continuação das seções do antigo site, a nova página eletrônica da rádio se propôs também a investir na interatividade, com links para o Twitter e o Facebook em sua interface³¹. Propondo-se a tratar de temas relacionados à educação, ciência e cultura, o site possui seções de entrevista, de notícias, entre outras, além de chamar o internauta para ouvir a rádio, através de uma seção de destaques da programação. Outro ponto importante é a possibilidade que o internauta tem de escutar a Rádio ao vivo através de sua página na Internet. Este é um aspecto relevante, pois significa que a Rádio Universitária online pode ser acessada por qualquer pessoa no mundo todo, além de poder ser acessada também através de outros aparelhos eletrônicos, não só o rádio ou o computador, caracterizando a convergência digital, como colocado por Costa Filho:

As rádios encontram na web uma forma de ir além dos limites do espectro licenciado. Uma emissora na Grande Rede pode ser escutada em qualquer parte do planeta, muitas vezes, servindo de alternativa para grupos que não possuem autorização para as ondas hertzianas ou resgatando laços de enraizamento de seus ouvintes que, mesmo fora de suas fronteiras, reencontram o som de seu local de origem. Com o acesso da grande rede pelos celulares, é possível também que essas emissoras sejam escutadas nos fones de ouvidos dos usuários ou no som de seus automóveis, por meio da convergência com o telefone móvel ou, diretamente, com a Internet wireless. (COSTA FILHO, 2008, p.2)

Vale a pena citar, ainda, como mudanças ocorridas na Rádio, a melhora da qualidade técnica do som da emissora e o investimento da automação da emissora, através da implantação de um programa em que os produtores só precisam colocar os

³¹ Twitter da RUFM disponível em <<https://twitter.com/universitariafm>>. Acesso em: set. 2012. Facebook da RUFM disponível em <https://www.facebook.com/radiouniversitariafm>. Acesso em: set. 2012.

arquivos no sistema e agendar, que o próprio sistema veicula automaticamente na programação³².

Outro elemento importante para o nosso estudo, no qual nos deteremos mais detalhadamente no terceiro capítulo, é um festival de música que a Rádio Universitária FM começou a promover em 2010 – o - Festival de Música da Universitária FM. Esse festival faz parte de outro maior, que é o Festival Nacional de Música da Arpub³³. Este, que teve sua primeira edição realizada em 2009, “[...] tem como principal objetivo abrir espaço na programação das rádios públicas brasileiras para a nova produção musical das cinco regiões do país.”³⁴ A Rádio Universitária FM é uma das rádios públicas inscritas neste festival e realiza a etapa regional deste festival aqui no Ceará.

O concurso abrange duas categorias: Música Instrumental e Música Cantada. Todas as obras inscritas passarão por uma primeira seleção com jurados especializados, e as finalistas serão veiculadas na programação da Rádio, entre os dias 29 de setembro e 21 de outubro de 2012. Durante esse período, haverá também a participação popular, em que ouvintes, amigos, familiares e fãs poderão votar em suas favoritas no site da emissora. [...] o Festival se propõe a revelar e divulgar gravações de obras musicais inéditas de cantores, compositores, instrumentistas e arranjadores, valorizando a cultura do Ceará. O pré-requisito para participação é que o proponente seja cearense ou residente no estado há mais de cinco anos.³⁵

Além de promover um festival de música, em uma ação conjunta com as outras rádios públicas brasileiras, através da Arpub, a Universitária 107,9 MHz de Fortaleza participou de algumas coberturas especiais realizadas conjuntamente com a Arpub, dentre as quais nos deteremos, mais adiante em nosso estudo, na cobertura da Feira da Música de Fortaleza.

Estas duas ações (realização dos festivais de música e coberturas conjuntas) realizadas em conjunto com as demais rádios públicas brasileiras, através da Arpub, representam parte do momento atual que as rádios públicas estão vivendo. Este momento está sendo marcado por novas tentativas de organização. Segundo Zuculoto (2010, p. 181), depois de criar a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), em 2007, o

³² As informações sobre esse programa, o *Playlist*, foram obtidas através da entrevista com Nonato Lima e foram fruto também da experiência como bolsista na Rádio Universitária.

³³ A Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arpub) é uma Associação Civil, sem fins lucrativos, fundada em janeiro de 2004 por dez rádios públicas brasileiras. No mesmo ano, aprovou o seu Plano de Ação e sua Carta de Princípios afirmando que a missão institucional de uma rádio pública deve ser a de difundir, irradiar e produzir cultura, educação, cidadania, entretenimento, informação e prestação de serviços, buscando atingir um público cada vez mais amplo da sociedade. Fonte: <http://www.arpub.org.br/>. Acesso em: jul. 2012.

³⁴ Disponível em <<http://www.arpub.org.br/>>. Acesso em: jul. 2012.

³⁵ Disponível em <<http://www.radiouniversitariafm.com.br/component/content/article/8-destaques-do-site/748-universitaria-fm-lanca-terceira-edicao-de-festival-de-musica>>. Acesso em: jul. 2012.

governo federal vem buscando liderar a constituição do rádio público. No ano de 2007 foi realizado o I Fórum Nacional de Rádios Públicas, tendo à frente a Arpub e a Radiobrás. “Em outubro de 2009, Arpub e UnB, com apoio da EBC, promovem o Seminário e III Encontro Nacional de Rádios Públicas, onde a programação destas emissoras é um dos principais pontos de debate.”. A partir daí, as cerca de 60 emissoras ligadas à Arpub passam a tomar algumas iniciativas conjuntas em relação à sua programação e a realizar coberturas conjuntas de eventos, como da Feira da Música de Fortaleza, do Fórum Social Mundial, entre outros. Em contrapartida, também no III Encontro Nacional de Rádios Públicas, o vice-Presidente da Arpub, Mário Sartorello, diretor da Educadora da Bahia,

defende que o sistema brasileiro de rádio público ainda está em construção e que como o rádio é local, não tem sentido se basear num conceito de “cabeça de rede”. Segundo ele, pode ter uma espinha dorsal, mas deve respeitar as especificidades e diversidades locais. (ZUCULOTO, 2010, p. 181).

Foi nessa época que começaram também os preparativos para a realização do I Festival Nacional de Música da Arpub.

A construção da história da Rádio Universitária FM está inserida na história do rádio público brasileiro. Mas, como vimos, esta rádio também construiu e ainda está construindo a sua própria história. A missão de difundir, produzir cultura e educação não formal para a população é o norte. Modernizar-se e ampliar suas possibilidades como emissora pública também o é. A ênfase na valorização da cultura local é demonstrada na fala dos seus dirigentes, nos documentos institucionais e, em tese, na sua grade de programação. Iremos conhecer, neste próximo capítulo, o movimento de músicos autorais cearenses escolhidos como sujeitos de nossa pesquisa para falar sobre a nova geração da música autoral de Fortaleza. Atenhamo-nos ao que eles nos dizem e ao que vivenciam também, para que, posteriormente, possamos retomar muitas das questões que envolvem a programação musical da Rádio Universitária FM 107,9 MHz.

2 COLETIVOS CEARENSES E BORA! – CEARÁ AUTORAL CRIATIVO

quem pode dizer o que é a música cearense? quem tem essa legitimidade? são os próprios músicos cearenses! e especialmente os que ousam mostrar seus trabalhos autorais. percebo que isto é o que fez e faz a diferença nos movimentos musicais. o ceará autoral criativo vem de uma tradição de reinvenção da arte brasileira, desde a padaria espiritual³⁶, passando pela semana de arte moderna de 1922, bossa-nova, tropicália, clube da esquina, pessoal do ceará, manguebeat, cidadão instigado³⁷, e agora? bora! ceará autoral criativo! o novo de novo renovando a vida musical, se reinventando, com toda a autoridade de quem tem talento, criatividade e aposta no coletivo, na pulsação que reverbera no sentimento, no pensamento, nas melodias, harmonias e ritmos da música cearense. bora! ceará autoral criativo é realmente a mais nova música do ceará!³⁸

Depois de mergulhar nas ondas do rádio público e aportar aqui em Fortaleza, conhecendo a Rádio Universitária FM, com seus propósitos, missões, programação e principalmente sua relação com a música, vamos agora para o segundo aspecto desta pesquisa. Apresentaremos neste capítulo aspectos da história de movimentos musicais e de coletivos musicais cearenses, buscando traçar um panorama, até chegar à atual cena musical cearense e ao coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo. A partir destes recortes, explicitaremos nossa compreensão sobre o BORA como sendo a nova geração da música autoral cearense. A partir do conhecimento que viemos construindo no primeiro capítulo e que esperamos construir no segundo, estaremos mais preparados para analisar no terceiro capítulo a relação entre a Rádio Universitária FM e o Movimento Ceará Autoral Criativo.

Para saber como emerge uma nova geração e de quê geração se está falando, propomos diferenciá-la das anteriores delineando um breve panorama da cena musical em questão, no caso, do Ceará. Com esse objetivo é que abordaremos neste capítulo questões relacionadas à cena musical cearense e iremos resgatar, sucintamente, a

³⁶ Grupo que reuniu alguns nomes das artes e literatura do Ceará como Antônio Sales, Rodolfo Teófilo e Henrique Jorge em Fortaleza. A agremiação durou de 1892 a 1898 e tinha como veículo divulgador de suas ideias e textos o jornal O Pão. A Padaria Espiritual ficou marcada na história cearense pelo espírito de pilhéria e molecagem propagados pelos padeiros (como se intitulavam os membros do grupo) e pela produção literária.

³⁷ Criada em 1994 e liderada por Fernando Catatau, também compositor e arranjador de todas as músicas da banda, o Cidadão Instigado faz um rock influenciado pela música nordestina e pelo rock dos anos 1970, além da música romântica "brega" brasileira - o que se evidencia pelo tom muitas vezes melancólico das canções.

³⁸ Depoimento do músico, professor e radialista Pedro Rogério, presente no encarte do CD lançado pelo BORA em 2010.

trajetória dos principais movimentos coletivos musicais em Fortaleza³⁹. Tentaremos, então, nos aproximar de como se define essa nova geração da música autoral cearense⁴⁰. As falas dos próprios sujeitos participantes desse movimento nos ajudarão nesse aspecto. Pedro Rogério, em sua dissertação *Pessoal do Ceará – habitus e campo musical* na década de 1970, obra de referência na composição deste estudo, em especial, deste capítulo, argumenta que a geração estudada por ele⁴¹ é uma nova geração. Para afirmar isso o autor utiliza-se da diferenciação do contexto histórico⁴², que está diretamente relacionado com a produção artística dos sujeitos daquela geração; e também diferencia essa geração da de artistas da geração anterior. Essa diferenciação também é colocada a partir das próprias falas dos entrevistados da pesquisa de Rogério. Segundo o autor

O sujeito ao afirmar que não faz parte de um grupo ou de uma geração, está implicitamente afirmando que faz parte de outro. O cultivo deliberado de relações com outro grupo, no caso aqui analisado os artistas ligados à música popular da cidade de Fortaleza em meados da década de sessenta, é que se desenvolve em graus diferenciados. (ROGÉRIO, 2008, p. 72)

Por último, nos deteremos sobre o sujeito principal do presente capítulo. O coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo.

2.1 Questões iniciais

O campo musical cearense é amplo e diverso. Rogério (2008, p. 56-63) percorre e tenta identificar o campo musical fortalezense na década de 70, baseando-se nos sujeitos que se constituem objeto da sua pesquisa, os integrantes do *Pessoal do Ceará*. O autor encontra pelo menos três espaços que se relacionam com os sujeitos da pesquisa. O Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, referência da tradição musical erudita da cidade de Fortaleza; o cenário da música popular, chamado por ele de “música popular de Fortaleza”; e o cenário musical brasileiro, “música brasileira

³⁹ O foco, nesta questão, será o *Pessoal do Ceará*, por ter sido o movimento de maior repercussão local e nacional; por ter tido grande repercussão nos veículos radiofônicos locais; e por ter sido o mais citado pelos entrevistados desta pesquisa.

⁴⁰ Compreendemos nesta pesquisa que o atual campo musical de Fortaleza é amplo e diverso, não sendo nosso objetivo abarcar toda sua extensão e diversidade. O que nos coube foi analisar a relação entre uma rádio pública específica e um dos subcampos musicais de Fortaleza. As questões relacionadas à denominação “nova geração da música autoral cearense” serão desenvolvidas e discutidas ao longo do presente capítulo.

⁴¹ Refere-se ao *Pessoal do Ceará*

⁴² No caso, o contexto da ditadura militar.

popular”, espaço consagrador de grandes intérpretes da música popular do país, tendo como principal mídia fomentadora o rádio.

Da década de 70 até a atualidade muita coisa mudou. Além do processo de transição entre um regime ditatorial e um projeto democrático, conquista que transforma o cenário brasileiro, também a globalização interfere na ampliação da diversidade musical, tendendo esta a aumentar cada vez mais, assim como vem acontecendo ao longo dos últimos anos.

*A bossa-nova e depois da música trazida por essa geração das décadas de 60 e 70, as músicas de cunho social, as músicas de protestos em contra-ponto com a *jovem guarda*, depois as bandas de *rock* nacional nos anos 80 e os *axés music* e músicas sertanejas com superproduções trazem gramáticas musicais que se distinguem umas das outras. (ROGÉRIO, 2008, p. 48, grifo do autor)*

Pedro Rogério (2008, p. 77) mostra uma parcela da diversidade musical que se desenvolve ao longo das últimas décadas no Brasil. Com relação à música popular, o estudo diferencia música “popular de Fortaleza” de “brasileira popular” não porque a primeira não esteja contida na segunda, mas porque “nem toda música fortalezense circula nacionalmente e se mantém mais ligada à sua origem.”. Quanto à palavra “popular”, o autor afirma que “podemos encontrar alguma contradição, já que o nível de sofisticação a que foi levada algumas peças musicais se afasta do que é “popular” no que se refere à uma criação espontânea” (ROGÉRIO, 2008, p. 76). Mas ao mesmo tempo o autor comprova, através da investigação realizada, que a música do grupo estudado “não se filia à tradição erudita, ainda que não se isole da mesma”. (ROGÉRIO, 2008, p. 76 e 77)

Com relação ao movimento estudado no presente capítulo, ele está inserido na diversidade de estilos musicais que compõe o cenário atual da cidade. Porém, ele não abarca todos os estilos que compõem o cenário local. As composições dos artistas do movimento se apresentam, segundo as observações de campo e escuta dos trabalhos dos artistas, predominantemente como inseridas no que se conhece como música popular, tomando como base as considerações de Rogério (2008).

Ao contrário da música erudita, a canção popular brasileira é tão específica, que se torna hegemônica por questões históricas no Brasil e mesmo as especificidades melódicas poéticas particulares de cada região que compõe este imenso país. (CASTRO, 2008, p. 15).

Ao mesmo tempo, se torna complicado enquadrar o Movimento somente através da nomenclatura de música popular, pois dentro dele há artistas que produzem rock, música instrumental que se aproxima da música erudita, entre outros estilos que não podemos resumir como música popular somente.

Alan Mendonça⁴³, em entrevista concedida para este estudo, coloca que o Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo não privilegia determinados estilos em detrimento de outros.

Não há privilégio de estilos. [...] essa coisa de alguma restrição a estilos não, porque no próprio disco é muita música diferente, bem diferente. Tem a Fulô da Aurora com um estilo mais [...] tradicional, [...] música popular mais tradicional, dos ritmos tradicionais como maracatu, como folia, como reisado, [...] como também tem o Marcos Paulo Leão com as músicas mais, de harmonia mais complicada e tal. É bem variado, não tem, por exemplo, rap, mas isso não quer dizer que não poderia ter se tivesse se aproximado alguém do rap. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

Por estas razões citadas, não utilizamos a nomenclatura “popular” para falar sobre o Coletivo estudado, ainda que este termo possa ser utilizado, com as devidas ressalvas.

Através do Movimento estudado não é possível apresentar toda a diversidade musical do Ceará, apesar de o BORA contemplar muitos estilos em suas produções. Para tal fim, teríamos que acompanhar outras movimentações artísticas que acontecem no estado, que tem, por exemplo, campo vasto referente ao rock⁴⁴ e a outros estilos musicais. Acompanhar todos os movimentos da música local se mostrou tarefa inviável e de uma amplitude desnecessária para os objetivos do presente trabalho.

A escolha desse Coletivo como sujeito da pesquisa foi feita, então, baseada na abertura do BORA a estilos variados e também no tipo de organização do Ceará Autoral Criativo, que se constitui como um coletivo musical.

sempre que a cultura cearense começa a se movimentar de forma coletiva é sinal que alguma coisa importante está acontecendo e que a renovação necessária ergue a bandeira da ousadia e da juventude. foi assim com a

⁴³ Alan Mendonça é o articulador do BORA! – Ceará Autoral Criativo. É poeta, compositor, contista, cronista, dramaturgo, arte-educador e produtor cultural.

⁴⁴ Em entrevista para este estudo, Nelson Augusto comenta sobre a cena rock fortalezense. Segundo Nelson, existem mais de 150 bandas de rock catalogadas na produção do programa *Cena Rock*, exibido na TV Ceará, que apresenta bandas de rock cearense e no qual Nelson é apresentador. Ele também cita o bairro Bom Jardim, onde a vertente do rock predomina.

A força da cena rock cearense pode ser também comprovada através dos inúmeros festivais que acontecem em Fortaleza, como o *Forcaus*, o *Rock Cordel*, entre outros. Além disso, o estado possui uma associação do rock, a Associação Cultural Cearense do Rock (ACR), fundada em 1998.

padaria espiritual, clã⁴⁵, sin⁴⁶, pessoal do ceará, por exemplo, massafeira⁴⁷, siriara⁴⁸, nação cariri⁴⁹, grita⁵⁰, alumbramento⁵¹ e tantos outros. nós, os cearenses, detentores da auto-estima mais baixa do nordeste, temos grande dificuldade em trabalhar de forma coletiva, mas, vez por outra, surge o fenômeno do “grupo” (de cangaço ou de arte), aí então o “bicho pega”, pois “valentia” e “arte” não nos faltam. [...] gosto de ver a árvore do coletivo gerando seus primeiros frutos: caju maduros, saborosos e coloridos.⁵²

2.2 Coletivos musicais no Ceará: a história continua

Como colocou Rosenberg Cariry em seu depoimento, os coletivos musicais cearenses apresentam, ao longo de sua história, mudança, movimento, agitação, renovação. Por isso, eles são pontos chave para compreender a nova geração da música cearense, o Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo.

Faremos um passeio, então, por algumas agremiações, coletivos e fóruns musicais que permeiam a história da cultura no Ceará. Os critérios utilizados para a seleção dos agrupamentos a serem citados aqui foram definidos a partir da proximidade com as características do coletivo estudado, o BORA. Portanto, iremos falar de coletivos que tiveram foco na música; de coletivos que tiveram certo grau de proximidade com a universidade; de coletivos que primaram pelas produções autorais; de coletivos que se reuniram para se fortalecerem e para fazer crescer a música cearense.

⁴⁵ O GrupoClã, fundado nos anos 40, congregou diversos escritores cearenses, como Moreira Campos, João Clímaco Bezerra, Antônio Girão Barroso, entre outros. O Clã veio trazer, como contribuição mais importante às nossas letras, a definitiva implantação do Modernismo no Ceará.

⁴⁶ O Sin, fundado no final dos anos 60, foi um grupo de escritores e intelectuais que buscou ampliar o conceito de poesia no Ceará.

⁴⁷ Pessoal do Ceará e Massafeira serão referenciados ao longo de nosso estudo.

⁴⁸ O Grupo Siriara, que reuniu diversos jovens escritores no final da década de 70, propunha uma literatura cearense autêntica e desvinculada do passado literário que, segundo seus integrantes, formal e conteudisticamente não mais representa a realidade nordestina do momento.

⁴⁹ Em 1980 é fundado, no Crato, o Grupo Nação Cariri, reunindo jovens escritores e artistas da região. Além de publicar uma revista com o nome do Grupo, a entidade criou a Nação Cariri Editorial Ltda., para edição de livros, álbuns, discos e filmes, bem como promoção de espetáculos de teatro e shows artísticos. Entre outros autores, já tiveram livros publicados com o selo da Nação Cariri os escritores José Alcides Pinto, Oswald Barroso e Rosenberg Cariry.

⁵⁰ Grupo Independente de Teatro Amador, dirigido por José Carlos Matos e criado em 1973

⁵¹ É um movimento da atualidade que reúne cineastas e que teve como resultado uma produtora. “Jamais conseguiremos encontrar uma definição conclusiva do que é a Alumbramento. Nunca encontraremos uma expressão, ou coisa que o valha, que dê conta das singularidades que fazem parte desse encontro. Seria um erro acreditar que um coletivo se apresenta em voz uníssona. Já aprendemos que não é assim que a banda toca.” Disponível em: <http://www.alumbramento.com.br/alumbramento.php>. Acesso em: set. 2012.

⁵² Depoimento do cineasta e poeta cearense Rosenberg Cariry, presente no encarte do CD lançado pelo BORA em 2010.

Começamos, então, na década de 60. Neste período, que se configuraria como o início da ditadura militar, três agremiações de artistas e intelectuais tiveram berço na universidade.

O movimento estudantil tinha grande força política advinda do poder de organização em torno das entidades estudantis. O espaço da universidade reunia as condições necessárias para o desenvolvimento da obra desse grupo de artistas e intelectuais. (ROGÉRIO, 2008, p. 89)

Rogério (2008, p. 90) coloca que um clima propício ao desenvolvimento artístico ganhava força no Brasil nas décadas de 50 e 60. Clima este que “[...] veio de um grande caldo cultural forjado no otimismo brasileiro que ganhou incentivo ainda nos anos de Juscelino Kubitschek⁵³ [...]”. Esse entusiasmo nacional estimulou a vanguarda artística que podemos ilustrar com o Cinema Novo, a Bossa-Nova e a construção de Brasília. Esse processo cultural aquecido no período Juscelino Kubitschek resiste nos anos 60 às crises presidenciais dos governos de Jânio Quadros e João Gullar. Nasce então, em dezembro de 1961, junto à União Nacional dos Estudantes (UNE), o Centro Popular de Cultura (CPC), mesclando teatro, música e poesia e se disseminando em várias universidades brasileiras. O CPC, que reunia artistas e universitários, tinha como objetivo “a elaboração imperiosa de uma cultura popular em confronto com as expressões artísticas até então vigentes.” (BERLINK, 1984, p. 9 *apud* RAMALHO, 2002, p. 114). Segundo Ramalho (2002), da mesma forma que o CPC da UNE abriu espaço para uma nova concepção de arte e cultura nos primeiros anos da ditadura, o CPC do Ceará deu origem ao Cactus e ao Gruta e inspirou as atividades dos diretórios acadêmicos, principalmente o do curso de Arquitetura da UFC.

O nome Cactus representa um “símbolo de resistência às condições mais adversas possíveis que caracteriza a planta da caatinga, assim como as ações estudantis frente ao poder instituído.” (ROGÉRIO, 2008, p.91) Os participantes deste grupo, citados por Rodger Rogério,⁵⁴ em entrevista para a pesquisa de Pedro Rogério (2008), eram Petrúcio Salvino Mesquita Maia, Iracema Melo, Olga Paiva, Nonato Freire, Renato Serra e o próprio Rodger. “O grupo Cactus fez uma temporada de shows no teatro Universitário, uma espécie de teatro-musical, tocando músicas de autores consagrados [...]”. O grupo contemplava estilos como samba e bossa-nova. O Cactus

⁵³ Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil entre os anos de 1956 e 1961.

⁵⁴ Cantor e compositor cearense. Era um dos integrantes do Pessoal do Ceará, coletivo musical que teve maior destaque na história da música cearense e que será abordado em nosso estudo a seguir.

também se apresentou em municípios como Crato e Juazeiro do Norte. “[...] era um grupo politizado, com formação universitária e contestador da repressão da ditadura militar.” (CASTRO, 2008, p. 28).

O grupo acabou se dividindo, mas seus integrantes mantiveram-se em contato. Pedro Rogério explica o motivo da divisão do Cactus. “Embora a posição política contra a ditadura fosse unânime alguns não queriam ficar vinculados tão fortemente a essas questões (...)” (ROGÉRIO, 2008, p.91).

O GRUTA, Grupo Universitário de Teatro e Arte, foi idealizado por Cláudio Pereira⁵⁵. Segundo Rogério (2008), Cláudio já era envolvido com política desde quando estudava no Colégio Liceu do Ceará. Quando ele chegou ao ambiente universitário passou a atuar como agitador cultural.

O GRUTA realizou caravanas culturais para o interior do Ceará e para a Argentina. Também produziu um festival de música apresentado no Theatro José de Alencar em 1967 que teve como vencedor o estreante Raimundo Fagner. (ROGÉRIO, 2008, p.92)

O autor destaca a importância de se observar as convergências de um grupo de estudantes das classes médias do Ceará que começaram a desenvolver suas aptidões artísticas em torno de temas em comum. Isso em um contexto político cultural que impulsionava uma atuação coletiva.

Muitos dos articuladores dessas três agremiações citadas tornaram-se mais tarde integrantes do coletivo musical que se destacou na história da música cearense: o Pessoal do Ceará. Formado por Augusto Pontes, Dedé Evangelista, Ednardo, Fagner, Ricardo Bezerra, Rodger, Tânia Araújo, Têti, Cláudio Pereira, Francis Vale, Belchior, Fausto Nilo, entre outros, essa geração da música cearense ficou marcada não só na memória do Ceará, mas na memória brasileira, tendo alcançado seu ápice na década de 70. O grupo de artistas, músicos e intelectuais, vindos da universidade, uniu forças e apostou nas próprias produções autorais.

Esses artistas buscaram o eixo Rio-São Paulo para serem reconhecidos no cenário da música nacional. O marco da carreira do coletivo foi o lançamento do LP “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem”⁵⁶, que se constituiu como porta de entrada de novos compositores cearenses no mercado fonográfico brasileiro.

⁵⁵ Foi produtor, gestor e agitador cultural no Ceará. Também foi um dos integrantes do Pessoal do Ceará. Faleceu em maio de 2010.

⁵⁶ O disco “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem” foi gravado em 1972 em São Paulo e lançado em 1973. Os integrantes que cantam as músicas do disco são Ednardo, Têti e Rodger.

Muitos desses artistas, após o período de consagração nacional do Pessoal do Ceará, construíram carreiras *solo*, tornando-se famosos até os dias atuais. São eles Fagner, Ednardo, Belchior e Fausto Nilo. Rogério (2008) constata que aqueles que continuaram seus estudos, indo para a pós-graduação, não alcançaram projeção nacional. Segundo o autor isso se deve, em parte, ao fato de que a carreira acadêmica exige muito, tomando tempo que seria necessário para se investir na carreira de consagração nacional. Afirmar ainda que a sobrevivência mercadológica dos artistas não tem receita pré-definida, dependendo de uma série de questões. Enfatiza também que essa sobrevivência mercadológica “não se explica pela qualidade estritamente estética [da música], ainda que a mesma não seja irrelevante” (ROGÉRIO, 2008, p. 44).

Músicas como “Cavalo Ferro”, “Terral”, “Palmas pra dar ibope”, “Beira Mar”⁵⁷, entre outras, são cantadas até hoje pela população brasileira e muitas foram regravadas por renomados intérpretes.

O grupo viveu em Fortaleza a época da ditadura, mas encontrou na universidade abertura e apoio para desenvolver suas veias artísticas. Segundo Rogério (2008), a posição desses jovens do Pessoal do Ceará, envolvidos com arte, era a de se colocar contra o regime militar e até contra instituições formais como a própria universidade, que paradoxalmente, garantia certa liberdade de pensamento.

O movimento viveu também a era dos festivais. Wagner Castro (2008, p. 16), em sua obra “No tom da canção cearense: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979)”, busca compreender como os artistas cearenses deste período articularam-se em busca do sucesso, participando e vencendo Festivais de música em Fortaleza.

“Os festivais formaram e continuam sendo uma forma de exposição da criatividade dos artistas e vitrine como forma de inserção no mercado fonográfico, com menor ou maior intensidade, de acordo com o momento histórico abordado.” (CASTRO, p. 17).

Integrantes do Pessoal do Ceará, como Ednardo e Augusto Pontes, juntamente com outros integrantes do coletivo e alguns artistas cearenses pertencentes a outras linguagens da arte, organizaram em 1979 “uma grande feira cultural que juntou música, artes plásticas, literatura, teatro, dança, cinema, artesanato e culinária (SOUSA, 2010, p.

⁵⁷ As músicas citadas pertencem ao disco “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem”. “Cavalo Ferro” foi composta por Fagner e Ricardo Bezerra. “Terral” foi composta por Ednardo. “Palmas pra dar ibope” foi composta por Ednardo e Tânia Araújo. “Beira Mar” foi composta por Ednardo.

19).”⁵⁸ O objetivo era “propiciar o encontro entre a geração de artistas já renomados [...] com toda uma turma com o anseio de se expressar.” (SOUSA, 2010, p. 247). Era a Massafeira, que aconteceu nos dias 15, 16, 17 e 18 de março de 1979 no Theatro José de Alencar.

Ao propor agir e dialogar com várias gerações de outra forma, Massafeira cria um fato novo, seja de corte / ruptura / intercessão. [...] revela-se profícua em apresentar, juntar, difundir, amplificar de forma inusitada o encontro entre gerações, afirmando uma vontade de procura de afirmação identitária cearense, nordestina e brasileira. (SOUSA, 2010, p. 18)

Segundo Ednardo Sousa (2010, p. 19), foram mais de 300 artistas reunidos no Theatro José de Alencar, dos quais 100 participaram da gravação do disco duplo do Massafeira, no Rio de Janeiro, e 150 se reuniram para lançar o disco no José de Alencar.

A rigor, antes da Massafeira, a cena artística, cultural e musical de Fortaleza, naquele momento, praticamente estava tímida em excesso ou quase não existia em repercussões nacionais, a não ser o Pessoal do Ceará, com os nomes que despontaram.

A Massafeira valorizou todos esses artistas em suas diversidades, os quais muitos tornaram-se reconhecidos por suas artes e excelências profissionais.

Chegando agora na geração da década de 1990/2000, destacamos em nosso estudo o Fórum da Música Plural Brasileira.⁵⁹

Lançado em 15 de março de 1999, o Fórum pelo Fortalecimento da Música Plural Brasileira [...] Tinha como coordenadores os jornalistas Flávio Paiva e Moacir Maia. Dele participam músicos, compositores, intérpretes, produtores culturais, empresários, políticos, estudantes e demais interessados no tratamento da questão da música como patrimônio imaterial. (SAMPAIO, 2009, p. 36)

A denominação “Música Plural Brasileira” foi criada pelo escritor, poeta, compositor, jornalista e roteirista Flávio Paiva. Esse novo conceito para a denominação mais tradicional de MPB, Música Popular Brasileira, veio no sentido de valorizar a diversidade da MPB, sua riqueza e importância como patrimônio imaterial do Brasil,

⁵⁸ SOUSA, José Ednardo Soares Costa (org. e coord. Geral); MENEZES, Henilton (apresentação); BARREIRA, Gentil et al. (fotografias); NILO, Fausto et al. (ilustrações). Massafeira: 30 anos som, imagem, movimentos, gente. Fortaleza: Edições Musicais, 2010. (p. 19).

⁵⁹ Dada a escassez do material sobre o assunto, encontramos somente uma referência bibliográfica referente ao Fórum Música Plural Brasileira, encontrada em momento já tardio do processo de composição do presente estudo. Por conta disso, não problematizamos o Fórum especificamente nas entrevistas realizadas para esta pesquisa. O foco, nesta questão da relação com o BORA, será o Pessoal do Ceará, por ter sido o movimento de maior repercussão local e nacional; por ter tido grande repercussão nos veículos radiofônicos locais; e por ter sido o mais citado pelos entrevistados desta pesquisa.

frente à massificação de gêneros musicais no rádio e na TV impedindo o público de perceber essa variedade sonora. (SAMPAIO, 2009).

Qual denominação e, posteriormente o Fórum, surgiram em um momento de eferescência do cenário musical cearense.

A música cearense produzida neste período mostra ter absorvido e diluído novas estéticas e propostas; e ter-se valido de condições tecnológicas e políticas [...] para viabilização da sua produção. Assim, ao contrário dos músicos da geração 60/70/80 que precisavam se deslocar ao Rio de Janeiro ou São Paulo para gravar seus trabalhos e depender de uma empresa fonográfica para alcançar o mercado, os novos artistas não precisam sair de Fortaleza. (SAMPAIO, 2009, p. 32)

Rocha *et al.* (2009 *apud* SAMPAIO *et al.*, 2009) explica que a questão central do Fórum era discutir formas de valorizar o músico e a música cearense, tentando encontrar caminhos de produção, de divulgação, de visibilidade e de oportunidades para dar uma visibilidade maior à música local.

Nelson Augusto comenta sobre o fim do Música Plural.

[...] a gestão posterior ao Moacir Maia acabou com o projeto [...] você faz um projeto legal, vem outra administração e diz “não isso daqui é já foi do passado vamos fazer outra coisa” e não implementou. Então acabou essa eferescência né que tinha. (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

O Fórum Música Plural chegou ao fim em 2004, por conta de divergências ocorridas quando o Governo do Estado cria um novo fórum para discutir a questão da música cearense. (SAMPAIO, 2009)

2.3 A nova geração da música autoral cearense

Depois de passar por algumas gerações, chegamos à atual. Mas, por que o BORA! – Ceará Autoral Criativo, faz parte de uma nova geração da música cearense? Como colocamos acima, através de uma citação de Rogério (2008), quando um sujeito afirma que não faz parte de determinado grupo ou geração, implicitamente ele está dizendo que faz parte de outro. No caso do BORA, o que parece estar presente na fala dos entrevistados é que ele aproxima artistas já veteranos na cena musical cearense de artistas de uma nova geração.

Então a gente fez um trabalho com encontros. Então a gente conseguiu por exemplo. Músicos dessa nova geração que entrou, despontou com o BORA, com esses outros músicos desse movimento Chegança. [...] que são mais

veteranos que a gente. [...] Porque o BORA não é só fechado pra alguns, ele tem uma abertura, porque a gente vê que tem um momento de renovação da música cearense. Então tem artistas que foram se aproximando [...]. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Alan Mendonça reforça a ideia de Marco dizendo que o BORA também reúne músicos de uma geração que, segundo ele, é anterior, referindo-se a músicos do Movimento Chegança⁶⁰, que surgiu em 2002. Mas coloca que o Movimento BORA também reúne a geração que surge agora.

Não é a mesma. Acabou que muitas pessoas do Chegança, como “Cinco em Ponto”, também entraram no BORA, o Fernando Rosa também é um cara próximo, a Joyce né, o Wilton, todos estão no BORA também. Mas o BORA surge com muita força numa outra geração, que o início dessa história é com Davi Silvino, Carlos Hardy, Marcos Paulo Leão, pessoas bem mais novas do que essa geração que eu te falei agora. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

A colocação de Alan Mendonça se assemelha bastante com a de Marco Fukuda. Porém, Alan credita a força do Movimento BORA a essa nova geração. Ou seja, a fala dele nos dá uma ideia de que o que realmente impulsiona e sustenta o Coletivo é essa geração que surge com o BORA. Independente dessas colocações, acreditamos que esses artistas mais veteranos na cena musical cearense e os que despontaram nos últimos cinco anos, fazem parte da mesma geração, na medida em que se organizaram em um só Coletivo.

A mídia também procurou diferenciar o BORA como uma nova geração, principalmente no sentido de facilitar uma comparação, exaustivamente feita durante o tempo de exposição que o Coletivo teve nos diversos meios de comunicação, com o Pessoal do Ceará. “[...] existe uma vinculação de todo compositor com uma geração anterior porque a imprensa também faz essas ligações né, então fica muito nítido [...].” (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012). Alan Mendonça coloca ainda outro motivo, além da comparação com o Pessoal, para o Coletivo ter ganhado boa projeção midiática.

“Eu acho que o pessoal estava meio carente de uma movimentação dentro da música autoral. A cidade foi ficando muito cover e acho que o pessoal estava meio carente disso, a imprensa, eles gostaram da ideia.” (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

⁶⁰ Detalhes sobre o movimento Chegança no item 2.4.

A partir da aproximação e diferenciação, respectivamente, com o Pessoal do Ceará, podemos observar no movimento BORA interferências dessa geração de 70, mas podemos também observar distanciamentos, o que reforça a ideia de que se trata de uma outra geração.

Vamos começar pelas semelhanças, acreditando que as novas gerações sempre carregam um pouco das anteriores. Marco Leonel Fukuda aponta a semelhança no aspecto do coletivo e da valorização do contexto local.

“Eu acho que a gente tem influência num espírito de coletividade deles, num espírito de fazer música cearense que fale do Ceará, que fale de Fortaleza.”
(Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Essa perspectiva coletiva se mostra não só em movimentos como o Pessoal do Ceará e o BORA, mas vem aparecendo em alguns momentos da história da música cearense. O BORA! – Ceará Autoral Criativo, se apresenta em uma postura de não só agregar os músicos para tocarem juntos, mas de integrá-los entre si para serem atores e autores da cena musical cearense.

Eu acho que os músicos não têm o costume nem de ir pras apresentações uns dos outros, quanto mais tocar juntos e tal. Então, isso é uma coisa que na história, na música do Ceará acontece pontualmente, acontece no Pessoal do Ceará, na Massafreira, no Movimento da Música Plural Brasileira, Flávio Paiva, acontece no Chegança. Mas é isolado. E com o BORA a gente está tendo o desafio de integrar as pessoas que trabalham com música. [...] Eu acho que a cena cultural no Ceará ela não está constituída. A gente vê isso claramente. Mas ela está sendo construída. As pessoas que estão aqui trabalhando, batalhando, elas tão pra isso, pra construir. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Com relação à musicalidade, Alan Mendonça aponta a influência do Pessoal do Ceará sobre o BORA.

É muito difícil alguém dizer que não tá ali essa musicalidade [do Pessoal do Ceará] na sua música [...]. Eu particularmente me formei artisticamente com o Pessoal do Ceará. [...] Acabou que na sequencia o Ednardo se aproximou do BORA também, se interessou pelo BORA e a gente se fala de vez em quando. E o Rodger hoje é meu parceiro também, a gente tem música junto. E a gente mora numa província mesmo, então as pessoas se encontram e tal. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

Outra aproximação amplamente ressaltada pela mídia, através das falas dos próprios integrantes, é o local escolhido para as reuniões do coletivo BORA, que

coincidentemente, ou não, é o mesmo local em que o Pessoal do Ceará se reunia: a faculdade de Arquitetura da UFC.

[...] a gente começou a se encontrar na faculdade de Arquitetura, em março de 2010 mais ou menos. E coincidentemente era o mesmo lugar que o Pessoal do Ceará se encontrava, mas isso é pura coincidência, não tem relação nenhuma. Arquitetura no Benfica né, um bairro central, tem o anfiteatro, um lugar agradável de se estar. E a gente se encontrava lá e fez algumas reuniões na Arquitetura, no anfiteatro da Arquitetura. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

Então, segundo Alan Mendonça, o fato de o BORA ter escolhido se reunir no mesmo local que o Pessoal do Ceará representa apenas uma coincidência. Já Marco Leonel Fukuda acredita que o Pessoal do Ceará influenciou na escolha desse espaço.

O curso de Arquitetura, a Faculdade de Arquitetura é um espaço já de encontro desde a década de 70 [refere-se ao Pessoal do Ceará]. O pessoal de Arquitetura, eles são, eles já pensam muito em artes visuais, em... Por exemplo. O Plínio Renan e a Joyce Custódio, que são dois artistas do Movimento Ceará Autoral, eles já trabalham com essa parte de teatro, dança contemporânea [...] eles tiveram essa experiência no coral, parte de design gráfico. Então, o pessoal da Arquitetura já é bem dinâmico de pensar espaços, de pensar estética visual, pensar comunicação visual, pensar toda essa parte artístico-gráfica. E é um lugar acolhedor, a faculdade de Arquitetura. As árvores, o ambiente criativo. E foi as primeiras reuniões que o pessoal teve. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Podemos então colocar isso como mais uma das semelhanças ou influências do Pessoal do Ceará com/no coletivo estudado, ressaltando que essa escolha partiu também das características propícias que o local possui para o tipo de atividade realizada.

Mas o que queremos destacar aqui são as características do Coletivo BORA, que o diferenciam do Movimento que fez história no nosso estado, o Pessoal do Ceará.

Começamos, então, com a posição que o grupo toma com relação ao que podemos chamar de “a sombra do Pessoal do Ceará”, ou seja, a tendência ao espelhamento neste coletivo cearense, que de fato alcançou projeção nacional. Sombra esta que, segundo os entrevistados do BORA para este estudo, permanece desde a década de 70, seguindo todas as gerações posteriores.

Tem uma coisa que eu vejo muito forte nessa nova geração, nesses novos compositores, [...] que é o contrário de uma coisa histórica que houve na música cearense do Pessoal do Ceará pra cá. Houve um processo midiático forte né, com Ednardo, Belchior, Fagner e as gerações seguintes de alguma forma elas queriam esse lugar, queriam chegar próximo a esses compositores e ao espaço que eles tiveram nacionalmente. Só que o Brasil foi mudando, sociologicamente as coisas mudam e os espaços não são mais

os mesmos, os interesses não são mais os mesmos, a geração que chegou na década de 80 não tinha mais espaço que o Brasil abria pra música dos interiores, as músicas que vinham das periferias do Brasil, como de Minas, como do Sul, como da Bahia, como do Nordeste como um todo, do Ceará, do Piauí. E o Brasil era outro já e as gerações seguintes acho que não entenderam essa mudança nacional de interesse midiático, de interesse no mercado musical e meio que se espelharam nos caras e queriam ser os caras de alguma forma assim, ou que eles olhassem pra essa música que estava sendo feita nova no Ceará. Até a Massafeira é uma coisa muito disso assim. São os antigos compositores que abrem um ponto de encontro com os novos. Mas a sequência toda depois há uma série de frustrações, do não conseguir um espaço nacional como os outros antigos conseguiram e tal. A grande coisa que eu acho dessa geração é a ruptura com isso. Eu acho que a gente não, essa geração não é mais órfã do Ednardo, do Belchior, do Fagner ou desse processo que aconteceu no Pessoal do Ceará. E eu acho uma vantagem criativa muito grande, porque já se afasta de um modelo de música que poderia dá certo assim, assado e tal, se afasta da necessidade de um carimbo por essas gerações anteriores. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

Alan Mendonça expressa bem uma das características que diferencia essa geração que desponta com o BORA: a libertação da sombra do Pessoal do Ceará. E, segundo ele, isso proporciona uma liberdade maior, esteticamente e profissionalmente falando. Outra diferença que já podemos perceber na fala de Alan é uma questão que se refere às mídias. Os integrantes do Pessoal do Ceará cresceram escutando rádio, que era, na época, o meio de comunicação em voga.

[...] podemos observar que a lembrança trazida é principalmente de intérpretes e não de compositores; ou seja, o registro auditivo dessas vozes é a referência mais forte. A música vocal tinha grande influência para os que se interessavam por música popular e essa ganhava força sobre a formação do gosto musical através do rádio. Tanto está ligada à formação que Fagner remete a sua iniciação dizendo que “foi um iniciar populesco total de rádio e de cantores que aparecia muito [...]” [...] (ROGÉRIO, 2008, p. 77, grifo do autor)

Pedro Rogério demonstra que não somente Fagner, mas toda uma geração que iria mais tarde formar o Pessoal do Ceará, cresceu escutando rádio e posteriormente vivenciariam os tempos áureos dos festivais televisivos. Outro exemplo dessa vivência do rádio pelos integrantes do Pessoal é o fato de que Têti foi produtora de programas radiofônicos da Rádio Universitária FM (ROGÉRIO, 2008) e o fato de que Rodger Rogério foi diretor e também um dos fundadores da mesma rádio, objeto do nosso estudo.

A geração representada pelo BORA mantém contato, principalmente, com outros tipos de mídias, como por exemplo as mídias digitais, especialmente a Internet, o que modifica toda uma forma de agir.

Então é uma geração que [...] surge num momento que as gravadoras quebraram, o mercado musical endoidou, não tem mais onde se agarrar. Mas aí acontece que essas pessoas surgem pra música dominando uma outra coisa, que é o atual, esse processo de Internet, virtuais e tal. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

O Fórum Música Plural Brasileira também expressa esse diálogo com a Internet. Natale *et al.* (2001 *apud* SAMPAIO *et al.*, 2009), afirma que o Música Plural chegou a ter um site próprio.

O Movimento BORA atua na divulgação do próprio trabalho através do Facebook⁶¹, do Twitter⁶² e do blog do BORA. Eles também disponibilizam a agenda e eventos, repassando-os para listas de emails, além das divulgações individuais de cada integrante na Web. *“Eu acho que isso é inédito porque o Pessoal do Ceará eles não tinham isso, a Internet, pra passar uns pros outros.”* (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

O BORA, segundo Marco, fez o mesmo ritual do Pessoal do Ceará no que se refere a tocar juntos, gravar CDs juntos, organizar um grande evento para reunir artistas de todas as linguagens em um só lugar e divulgar a cultura local⁶³. Mas a mobilização, a divulgação, a produção física dos CDs, todo o trabalho do coletivo BORA é feito por eles mesmos. Isso se deve, principalmente, a uma gravadora, chamada Radiadora Cultural, que pertence ao articulador do movimento, Alan Mendonça.

Então eles gravam, eles têm todo o movimento da cadeia da música, desde compor, gravar, eles têm estúdio e pensar que era o mais difícil das gerações anteriores. Então eles estão com a faca e o queijo na mão. Tem o apoio da mídia, porque têm o trabalho reconhecido como entidade e estão sempre movimentando. Gravando discos ao vivo, gravando DVD também. Então quer dizer, eles movimentam toda essa cadeia produtiva. Participam de editais [...]. (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

Observemos outro aspecto interessante, colocado por Nelson Augusto, quando questionado sobre o que ele observa nessa nova tentativa de coletivo realizada pelo BORA.

Pois é, é porque o artista é muito... Vamos dizer assim, avesso a essa história da burocracia. Queira ou não queira qualquer entidade tem que ter horários, tem que ter regras, tem que ter todo um envolvimento. E o artista quer é

⁶¹Disponível em <<https://www.facebook.com/CearaAutoralCriativoOficial>>. Acesso em: ago. 2012.

⁶²Disponível em <<https://twitter.com/cearaautoralc>>. Acesso em: ago. 2012.

⁶³Inspirado no Massafeira, ocorreu na cidade de Fortaleza o evento Manifesta, no dia 18 de setembro de 2010. Artistas realizaram uma ocupação cultural, no Theatro José de Alencar (mesmo local em que ocorreu o Massafeira). Uma maratona que foi das 18hs às 6hs da manhã. O Manifesta contou com intensa participação do movimento BORA.

tocar a sua música. Isso aí deixa para os produtores, para as pessoas que estão envolvidas, não no sentido de fazer, de tocar a música, mas de administrar a vida desses artistas. Como eles não gostam muito dessas coisas de reuniões e tal e também tinha as igrejinhas, os blocos e tal, essa geração nova, percebeu, sacou essa ideia, entendeu. “Olha se a gente ficar isolado ninguém vai conseguir nada, então vamos fazer esse movimento coletivo”. Então eles criaram não só o BORA como coletivo musical de várias vertentes, tem música instrumental, tem rock, tem samba tem tudo, eles conseguiram unir esse caldeirão todo através do Alan Mendonça, que é um dos mentores, essa galera toda que tá se completando aí através do BORA. (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

Através das percepções dos próprios artistas e dos atores e autores que vivenciam este momento atual e vivenciaram também os momentos musicais das décadas passadas no Ceará, percebemos então porque escolhemos o BORA! – Ceará Autoral Criativo, como objeto para estudar a nova geração da música autoral cearense. Agora, justificados os termos e postas as devidas questões, vamos conhecer mais de perto o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo!

2.4 “Ceará autoral e criativo. Bora nessa!”

O movimento BORA! – Ceará Autoral criativo surgiu no início de 2010. Mas antes disso, em 2002, alguns dos integrantes que viriam a compor o BORA haviam formado outro coletivo, chamado Chegança.

Fernando Rosa, Wilton Matos, Joyce Custódio, eu, as meninas do Cinco em Ponto, eram pessoas desse movimento. Mas acabou que logo no início as questões da coletividade, não bateram os interesses. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

As questões que uniram e deram força ao coletivo, ao movimento Chegança, foram justamente as que os separaram.

É difícil você assumir uma postura coletiva. De você ser, conveniar alguma coisa com aquilo tipo, coletividade, peso, se o seu CD, se fosse possível, ou o seu espetáculo se fosse possível. Um processo coletivo desembocou no seu espetáculo. Mas depois, essa pessoa que já conseguiu alguma coisa num processo coletivo, é difícil ela se envolver pro outro [...] Choque de interesses, choque [...] de você se pôr em coletivo. Isso não é tão fácil, não por maldade e nem puramente egoísmo, é porque alguma coisa no ser humano tem essa dificuldade [...] do altruísmo, de fazer algo para alguém. E acaba sendo uma burrice coletiva, porque é uma girândola né. Se você faz algo, se você joga energia numa coisa ela vai girar e vai chegar em você de novo e se o outro consegue algo, você consegue também, porque é uma coletividade que vai subindo, ficando mais visível. E acabou que essa visibilidade, essa visão de um futuro construído coletivamente não é tão

fácil, não é tão fácil de ser exercido. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

Mas apesar do Movimento Chegança não ter vingado por muito tempo, a geração de artistas que se formava em Fortaleza iria unir forças novamente, dessa vez com mais vontade, mais consistência e mais planejamento; para voltar a vivenciar a coletividade, para ganhar visibilidade, ocupar novos espaços e valorizar a música cearense. Segundo Marco Leonel Fukuda, em entrevista concedida para este estudo, a origem do Movimento BORA está nos encontros casuais de cantores, intérpretes, instrumentistas e compositores que participavam de projetos culturais diversos e se encontravam no cenário cultural cearense. Ele cita um projeto que, em sua opinião, foi muito importante para a origem do Movimento: o “Encontros Casuais”, que foi um dos primeiros projetos desse grupo de artistas. Iniciado por volta do final de 2008, durou até 2010.

Nesse projeto [...] a gente tocava muitas músicas do Hardy⁶⁴. E também de outros compositores. A gente tocou música da Adriana de Maria que é outra compositora aqui da cidade; tocou músicas minhas também; o Daniel Sombra começou a compor também. O que é que eu estou dizendo. A gente conseguiu juntar nesse primeiro projeto gente que era cantor, intérprete, instrumentistas, compositores. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

E é então que, no início de 2010, em fevereiro/março, surge o BORA! – Ceará Autoral Criativo. Alan Mendonça, articulador do Movimento, nos fornece suas impressões de como o Coletivo surgiu.

[...] o BORA! - Ceará Autoral Criativo é um grupo que surgiu espontaneamente. Compositores que até não se conheciam, mas que passaram a se conhecer pelo movimento de, a intenção de mostrar suas músicas. Eu conheci Carlos Hardy, [...] e a gente começou a compor junto e começou a discutir sobre o que fazer com essas músicas que a gente tava compondo e achando-as boas né, achando necessário encontrar algum público. E nessa excursão virtual foram aparecendo mais pessoas, lista de e-mail, essas coisas assim, e a gente decidiu se encontrar ao vivo e a cores. Coincidentemente começamos a nos reunir na Arquitetura. Coincidentemente eu digo pelo mesmo lugar do Pessoal do Ceará. Nenhuma relação imediata, depois a percepção disso, a coincidência disso. E daí foram surgindo mais pessoas se agrupando a esse grupo.. E aí começamos a pensar o que fazer de intervenção social, intervenção na cidade, a gente decidiu ir pras praças.⁶⁵

⁶⁴ Carlos Hardy é um músico, compositor e instrumentista cearense. É integrante do BORA e um dos participantes mais ativos, tocando e cantando na maioria dos projetos e eventos do movimento.

⁶⁵ Informação oral fornecida por Alan Mendonça, no evento Percursos Urbanos, do Centro Cultural Banco do Nordeste, ocorrido no dia 27 de novembro de 2010. O evento daquele mês trazia o tema “Bora ouvir ou bora andar?” E consistiu em uma experiência no sentido de levar os participantes a interagir com a música cearense através da interação com os espaços urbanos de Fortaleza que se relacionavam/relacionam com ela. O evento foi organizado pelo BORA! e consistia em um passeio por

Nas reuniões do grupo na Faculdade de arquitetura da UFC eram discutidas questões como: ter um espaço mais criativo e dinâmico pra música na cidade, organizar formas de os compositores se reunirem para tocar juntos, ouvirem as músicas uns dos outros, comporem juntos, etc. Posteriormente, como bem frisou Alan Mendonça, o Coletivo começou a ir para as praças. E a praça escolhida foi o Passeio Público⁶⁶. Com recursos próprios, esses artistas ocuparam esse importante espaço de Fortaleza e realizaram dez shows coletivos no local, sendo um em cada terceiro domingo do mês. Marco Leonel Fukuda dá os detalhes desse primeiro projeto, que foi talvez o que mais deu visibilidade ao coletivo.

[A gente] Levava o equipamento de som, conseguia com o pessoal que é amigo do Movimento. Fazia duas apresentações fixas, de 30 minutos cada uma, seis músicas, sete músicas. E chamava pros “canjões”. O que é “canjão”. A pessoa levar duas músicas pra tocar, aberto. [...] Era um show meio que de todos, porque tocava algumas músicas e logo depois chamava um, chamava outro. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

O projeto do Passeio Público acabou por volta de agosto de 2011, por conta do Movimento não ter conseguido apoio financeiro da prefeitura.⁶⁷

A propósito do coletivo, de se fortalecer juntos, de crescer juntos, de ocupar espaços juntos e de lutar pela valorização de seus trabalhos esteve presente desde o início. Os objetivos do BORA são valorizar as produções autorais do estado do Ceará, independente de estilos, criar espaços para os artistas chegarem ao grande público e fazer carreira, sem que, para isso, tenham que buscá-la no eixo Rio-São Paulo. “Estimular, produzir e ampliar horizontes, eis algumas das coisas que permeiam nossos ideais. E o ideal maior é o ser livre, feliz e inteiro pra vida. **A arte é um caminho.** É o caminho que nós do Ceará Autoral Criativo escolhemos seguir.”⁶⁸

Podemos observar que o objetivo do BORA assemelha-se ao do Fórum da Música Plural, o que pode significar uma tendência, que se inicia nos anos 90, de valorização da música cearense em sua pluralidade e de uma vontade de pertencer e

Fortaleza, fazendo uma rota que envolvia, pode-se dizer, o que era a rota da música fortalezense. Gravado e transcrito para fins de estudo.

⁶⁶ A Praça dos Mártires, também conhecida como Passeio Público, é a mais antiga praça da cidade de Fortaleza. Além de possuir uma vista para o mar, o praça possui como atrativos naturais diversas árvores centenárias, como o famoso baobá plantado por Senador Pompeu em 1910. Seu nome atual foi definido em 11 de janeiro de 1879 pela Câmara Municipal de Fortaleza.

⁶⁷ Mais detalhes sobre o fim do projeto do Passeio Público e a falta de apoio da Prefeitura de Fortaleza serão contemplados mais adiante neste capítulo.

⁶⁸ Disponível em <<http://cearaautoralcriativo.blogspot.com/>>. Acesso em: ago. 2012.

contribuir para o crescimento da música local de forma coletiva. Acreditamos que a ideia de coletivo, em especial, vem se fortalecendo e se refinando.

A questão do autoral é uma bandeira do BORA, como reforça Marco Leonel Fukuda.

Então, a gente tem uma bandeira, até ideológica, de apresentar música autoral porque é a música da gente, de compositores vivos, contemporâneos, conterrâneos. A música fala desse momento do Ceará que a gente tá vivendo, a música que fala de Fortaleza. [...] o Ceará Autoral Criativo ele pensa em somar os públicos, a gente quer trabalhar cooperativismo, associativismo, pensar numa coisa solidária, cooperativa, mas os públicos a gente vai agregando. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

É interessante ressaltar a ideia colocada por Marco, quando ele diz que o Coletivo pretende somar públicos. Ora, se cada artista possui um público específico, quando esse artista se reúne com outro, ele se passa a ser conhecido não só pelo seu público, mas também pelo público do artista com o qual se reuniu. Com relação aos “públicos” referidos por Marco, ele comenta em entrevista realizada para este estudo que o BORA trabalha com a ideia de formação de plateia e democratização do acesso, vendendo ingressos dos shows e os CDs do Coletivo a preços populares.

Este caminho que o BORA estava percorrendo teve seu ápice no lançamento do CD do coletivo, BORA! – Ceará Autoral Criativo, em setembro de 2010. O CD contou com a participação de 20 músicos/bandas cearenses e foi lançado no Passeio Público, com ampla cobertura da mídia. O *design* gráfico do CD também contempla imagens do Passeio Público.

Este CD, assim como muitos outros de artistas autorais cearenses, foram lançados através de uma gravadora independente que pertence ao próprio Alan Mendonça, a Radiadora Cultural. O selo já lançou quase 50 discos, segundo informações fornecidas por Alan Mendonça em entrevista concedida para esta pesquisa. A Radiadora Cultural é, além de gravadora, uma produtora. Marco Fukuda comenta sobre a gravadora.

“O Alan ele consegue fabricar os discos na casa dele. Ele manda imprimir na gráfica, encarte, CD. Então ele tem já uma pequena fábrica de produção independente de música.” (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Essa intervenção nos meios que envolvem a cadeia produtiva da música vem mostrar uma resistência frente ao processo de massificação musical que envolve as

grandes gravadoras. Em um contexto social em que o individualismo impera e tantos músicos tentam conquistar espaço nas gravadoras, inserindo-se no processo da indústria cultural, o BORA vai tentar mostrar o seu trabalho através de todos os meios que estão ao seu alcance e que podem criar.

Além da criação de compor música, de tocar bem, tal, tal de escrever bem essas coisas, tudo isso não passa de obrigação nossa, isso é o natural, isso é o trivial, é respirar, beber água, compor bem, tocar bem e tal. Há todo um outro universo, e nesse outro universo é que entra a necessidade de organização, necessidade de pensar coisas, de ter força pra agir sobre coisas para haver uma mudança. [...] Será que tudo é o que é e pronto? São perguntas que eu faço, tento fazer aos outros músicos, aos parceiros do BORA e com outros parceiros, outros artistas de outras áreas e tal. Será que tudo é o que a gente tá vendo? Será que é tão óbvio assim? Será que eu sou tão mal compositor [...] ? Não é nada disso, não é mesmo. Não é nada disso, é toda uma estrutura que precisa ser reconstruída e não há ninguém que vá reconstruir se não for nós mesmos, se não for a nossa vontade de fazer algo, e fazer algo não é só fazer música, é fazer todo um ao redor da música.⁶⁹

O Movimento realizou ainda outros projetos, idealizados por Alan Mendonça. “Quanto vale uma canção?” e “Um mais um mais do que dois”. Os projetos foram postos em prática no início de 2011, através de uma parceria entre o BORA, a Radiadora Cultural e o SESC Iracema. Depois de alguns meses os projetos passaram para o Teatro da Praia e para o Teatro das Marias.

“Quanto vale uma canção?” é um encontro de cinco compositores, cada um apresenta três músicas, e eles tocam juntos uns com os outros. “Um mais um mais do que dois” são duas bandas ou dois artistas solo que fazem apresentação conjunta. Esses dois projetos têm gravação de CD ao vivo, filmagem e fotografia. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Os projetos acabaram em agosto/setembro de 2011.

O BORA – Ceará Autoral Criativo teve uma queda de atividades no início de 2012. Segundo Alan Mendonça, o engajamento dos integrantes no movimento começou a decair após o término das atividades no Passeio Público.

A gente manteve um certo tempo o Passeio Público, mas a prefeitura, a gente passou um ano e meio sem, carregando o som nas costas. A gente fazia tudo e a prefeitura não tinha nenhum tipo de apoio assim. Aí o pessoal cansou e achou que politicamente estava errado, a gente continuar fazendo uma programação da prefeitura sem ela participar. Nesse embate infelizmente

⁶⁹ Informação oral fornecida por Alan Mendonça em palestra na VI Semana de Educação Musical da UFC. O evento, ocorrido entre 23 e 27 de maio de 2011, trouxe como tema “Educação Musical: valorizando a cultura cearense”. Alan Mendonça palestrou sobre o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo no dia 26 de maio.

parou [...] Aí infelizmente a gente parou lá no Passeio Público que era uma coisa meio que termômetro, era uma coisa que sempre se renovava mês a mês, a gente sentia que o movimento acontecia naqueles encontros porque tinha uma data marcada, a cada terceiro domingo de cada mês e a coisa da sistematização ela ajuda nesses processos né, você ter um dia certo pra se encontrar. Depois disso a gente foi se esvaziando assim, manteve até agosto do ano passado esse projeto no SESC. E a gente lançou vários discos, lançou vários discos de pessoas né, o disco do BORA, disco do Fukuda, disco da Aparecida Silvino, o disco do Davi Silvino [...] (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012

Atualmente o BORA! – Ceará Autoral Criativo está começando a retomar suas atividades e a investir em novos projetos. Um projeto importante para nosso estudo, mas que ainda não entrou em vigor é um projeto idealizado por Alan Mendonça e Marco Leonel, de um site para o BORA. O sistema seria interligado com redes sociais. A ideia do site é que as pessoas tenham a oportunidade de conhecer toda a obra dos compositores cearenses, e não só uma música ou outra. Esse projeto, ainda não concretizado, seria mais uma intervenção do Coletivo no que se refere à comunicação e a um dos processos que estão inseridos na cadeia produtiva da música.

Mas o que iremos analisar a seguir são as relações entre esse Coletivo autoral da música cearense com a rádio pública que representa a Universidade Federal do Ceará, a Rádio Universitária FM.

3 A RELAÇÃO ENTRE A RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM DE FORTALEZA E A NOVA GERAÇÃO DA MÚSICA AUTORAL CEARENSE

3.1 Objetivo, material de análise e metodologia

Depois de nossa longa viagem nas ondas do rádio público e da Rádio Universitária FM, visitando em seguida a história musical de Fortaleza até os dias atuais, onde uma nova geração de músicos nasce, chegamos ao momento para o qual os leitores foram preparados durante todo este trabalho. O objetivo deste terceiro e último capítulo é descrever e analisar as relações que se estabelecem hoje entre a Rádio Universitária FM e a nova geração da música autoral cearense, apresentada aqui pelo movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo.

Para isso, vamos recorrer às entrevistas que realizamos com o diretor da RUFM, Nonato Lima, e com um de seus produtores musicais, Nelson Augusto⁷⁰. Assim como analisaremos as entrevistas realizadas com o articulador do BORA, Alan Mendonça e com um dos integrantes do movimento, Marco Leonel Fukuda⁷¹.

Também dispomos para analisar essa relação de um material que foi produzido a partir de observações de campo e de observações participantes. Observações de campo do Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo. Estivemos em diversos projetos do Coletivo, como o “Quanto Vale uma Canção?”, o “Um Mais Um Mais do Que Dois”, entre outros; além de palestras e eventos onde o coletivo se fez presente, como no evento “Percurso Urbanos” e na palestra da “Semana de Educação Musical” sobre o Movimento. A observação participante foi realizada na Rádio Universitária FM, pois estagio na emissora desde 2011.

Outro instrumento, muito importante, que vamos utilizar na análise a ser realizada neste capítulo é um mapeamento da programação da Rádio Universitária. O mapeamento realizado abrangeu duas semanas de programação da rádio, focando a programação musical e em especial os programas citados pelos entrevistados. Utilizamos como parâmetro para a escolha das semanas o período em que a rádio

⁷⁰ A Universitária FM conta com vários produtores musicais. Nelson Augusto foi escolhido para ser entrevistado para nossa pesquisa por ser o produtor musical que tem mais intimidade com a música cearense, produzindo e apresentando diversos programas que abordam a temática. Além disso, é produtor cultural reconhecido na cidade pelos artistas cearenses e tem bastante contato com estes.

⁷¹ Marco Leonel foi escolhido para ser entrevistado para nossa pesquisa por ter estagiado durante um ano da RUFM e ainda continuar participando de projetos na emissora.

iniciou a reformulação de sua programação musical. Então, escolhemos uma semana do primeiro semestre 2011.1⁷², período em que a programação musical ainda não tinha sofrido as modificações indicadas para aquele ano; e uma semana do semestre 2011.2⁷³, período em que as reformulações previstas para a programação musical já haviam sido aplicadas⁷⁴.

Vamos tentar então compreender qual a relação que se estabelece entre a Rádio Universitária FM e a nova geração da música autoral de Fortaleza, através desses instrumentos.

3.2 Análises

3.2.1 Elos de comunicação entre os objetos

O primeiro aspecto da relação estudada que vamos analisar se refere aos pontos de encontro, canais de convergência entre a Universitária e o BORA.

Podemos dizer que uma das portas para a Rádio Universitária foi aberta pelo estudante de Jornalismo e membro ativo do BORA, Marco Leonel Fukuda. Marco teve seu primeiro contato com a Rádio através do Primeiro Festival de Música da Universitária, em 2010. Ele concorreu no festival na categoria “Música Instrumental”, conquistando o segundo lugar com a música “Ciliares”. No início de 2011, Marco participa como coprodutor em uma série especial para o programa “Por Uma Cultura de Paz”, produzido e apresentado por Marta Aurélia⁷⁵. Pouco tempo depois ingressa como estagiário de Jornalismo na Rádio, onde desenvolveu um trabalho de produção de novas vinhetas institucionais, além de trabalhar no site da emissora e de trabalhar como um dos produtores/apresentadores do programa “Brasil Novos Sons”. Mesmo após sua bolsa terminar, continuou desenvolvendo alguns projetos especiais para a Rádio.

Este período em que Marco estagiou na Universitária foi crucial. Ele contou em entrevista realizada para este estudo que sugeria pautas, tanto para a equipe do site como para o setor de jornalismo e outros setores da rádio, relacionadas a integrantes do movimento. Colocou também que fazia o caminho inverso, passando contato de pessoas da rádio para integrantes do BORA. Marco adicionou ainda que tentou incentivar os

⁷² A semana analisada corresponde ao período do dia 6 ao dia 12 de março de 2011.

⁷³ A semana analisada corresponde ao período do dia 23 ao dia 29 de outubro de 2011.

⁷⁴ Nonato Lima relatou em entrevista concedida para o presente estudo que a programação da emissora continua em processo de reformulação.

⁷⁵ Marta Aurélia é atriz, cantora, radialista e jornalista. Foi produtora e locutora da Rádio Universitária FM desde os primeiros anos da emissora. Afastou-se da emissora em 2011 por motivos de saúde.

integrantes do grupo a se inscreverem na segunda edição do Festival de Música da Universitária.⁷⁶

Festival de Música eu divulguei muito pro pessoal participar também. [...] Dentro do movimento, passei e-mail, expliquei tudo, regulamento, folder, até o dia 25. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011).

Além de aproximar o Movimento e a Rádio no período em que trabalhou nessa, Marco deixou a marca da nova geração da música autoral de Fortaleza na Rádio Universitária FM através de sua música. Ele desenvolveu um trabalho de produção de vinhetas institucionais para a Rádio, contando com a ajuda de outros músicos do Coletivo para tal, como citado anteriormente.

Tive quatro meses pra produzir, a gente conseguiu fazer 79 vinhetas, a rádio tinha três. [...] A minha parte foi compor, escrever as partituras e regimentar os músicos [...] eram quatro cantores e seis músicos [...]. A gente teve instrumentais, músicas instrumentais para intervalo, a gente queria trazer um pouco do regionalismo também, então a gente fez músicas com baião, a gente fez com xote, a gente fez né, com ritmo nordestino, mas a gente também fez com jazz, a gente fez com bossa nova, com samba, com blues... (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011).

Marco Fukuda, contando com a ajuda dos músicos Ivan Timbó e Alex Vasconcelos e do grupo vocal “Desbocados”, participaram então de um processo importante na Rádio Universitária FM. A participação na produção e apresentação do programa “Brasil Novos Sons”⁷⁷ também foi uma significativa contribuição deixada por Marco na Rádio no que se refere à nova geração da música autoral. Por meio da observação participante feita na Rádio, constatamos que, ao produzir determinadas edições do Brasil Novos Sons, Marco sempre incluía perguntas aos entrevistados sobre o novo cenário musical brasileiro e sobre o novo cenário musical local do entrevistado em questão. Como o programa entrevista artistas de vários estados brasileiros, inclusive do Ceará, questões relacionadas à nova geração da música autoral do Ceará e de outros estados eram discutidas principalmente nos programas Brasil Novos Sons que eram

⁷⁶ Marco Fukuda não pôde se inscrever na segunda edição do Festival de Música da Universitária FM, pois estagiava na emissora na época.

⁷⁷ Brasil Novos Sons é um dos programas que surgiram no processo de reformulação da programação musical da RUFM. É um programa de entrevista e música, que se propõe a apresentar os novos nomes da música brasileira. Participamos diretamente da produção e apresentação desse programa durante o estágio realizado na Rádio.

produzidos por Marco, sendo também discutidas nos que eram produzidos e apresentados pelos demais bolsistas.⁷⁸

Observamos então, a importância da entrada de Marco Leonel Fukuda na Rádio Universitária FM, que funcionou como uma porta de entrada para os músicos do BORA na Rádio, além de incentivar discussões relacionadas às novas gerações da música autoral.

Outra porta de comunicação entre o BORA e a Rádio Universitária é o Festival de Música da Rádio, sobre o qual falamos no primeiro capítulo. Já na sua terceira edição no Ceará neste ano de 2012, o Festival de Música da Universitária FM seleciona músicas inéditas de compositores cearenses, tanto instrumentais quanto cantadas. A seleção das músicas vencedoras é feita numa primeira etapa por jurados de áreas da música e jornalismo cultural; e numa segunda etapa através de votação popular, realizada no site da Universitária. As músicas são divulgadas na programação da Rádio durante o período da votação popular, que é de cerca de um mês.

Nonato Lima comenta que os músicos que se inscreveram nas edições anteriores do Festival eram, em sua maioria, de uma nova geração de músicos.

Predominantemente da nova geração. Tem artistas tradicionais também que concorrem e eles podem concorrer à vontade [...] Agora [...] vai concorrer igual aos outros. [...] a comissão é isenta, tem todo um conjunto de critérios, felizmente tem sido muito bom [...] sem problema e com qualidade.
(Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

E esse é o objetivo. É posto pela Arpub que os festivais de música das rádios públicas “[...] tem como principal objetivo abrir espaço na programação [...] para a nova produção musical das cinco regiões do país.”⁷⁹ Ou seja, esse é, arriscamos dizer, o espaço atual da Rádio Universitária FM que coloca a nova geração da música autoral cearense em maior destaque. O evento tem uma boa divulgação. Na primeira edição, foram 143 inscritos e na segunda, 90 inscritos. Apesar da diminuição de inscrições o Festival vem ampliando em qualidade e se legitimando na cidade⁸⁰. Merece destaque a colocação de Nonato Lima sobre as votações do público na primeira edição.

⁷⁸ Os bolsistas que produziram os programas Brasil Novos Sons juntamente com Marco foram Raiana Carvalho, Tainara Carvalho e Rachel Gomes.

⁷⁹ Disponível em <<http://www.arpub.org.br/>>. Acesso em: jul. 2012.

⁸⁰ Para analisar com maior atenção a repercussão do Festival seria necessário um estudo qualitativo após a realização de algumas edições.

[...] essa participação do público foi importante porque no primeiro ano um dos concorrentes daqui em nível nacional, ganhou menção honrosa na votação do povo, por conta da votação que foi excepcional. Então foi muito bom! (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Podemos constatar, a partir da grande votação do público cearense citada por Nonato, que a nova geração da música do Ceará tem uma boa aceitação entre a população. Um bom motivo para que a Rádio incentive a aproximação desses músicos com a emissora.

A participação do Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo no Festival foi bastante representativa na primeira edição. Segundo Marco Leonel Fukuda, das dez músicas finalistas, três eram de integrantes do movimento. Ele atribui essa participação ao momento que o BORA vivia, ou seja, o lançamento de seu primeiro CD. Alan Mendonça também comentou sobre o assunto:

Eu lembro que na época a gente pensou, cara que massa os primeiros lugares da rádio, a gente tava muito presente, muitas pessoas próximas ao movimento. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

Quanto ao segundo festival, Marco não se arriscou a falar da participação do movimento. Alan citou alguns nomes, mas também não sabia falar ao certo sobre a participação do BORA.

Podemos considerar como outros conectores do BORA com a Rádio Universitária FM aqueles que são (ou seriam) os reais responsáveis por inseri-lo na programação: os produtores musicais. Segundo as entrevistas, a observação participante e o mapeamento que realizamos, podemos dizer que os produtores musicais que mantêm contato constante com os artistas da nova geração são Pedro Rogério e principalmente, Nelson Augusto. Os produtores Bruno Lima e Leovigilda Bezerra também devem ser citados por serem eles que organizam o Festival de Música da Universitária.

Pedro Rogério é filho de Têti e Rodger Rogério, integrantes do Pessoal do Ceará. Como já foi colocado no segundo capítulo, Têti foi produtora de programas radiofônicos da Rádio Universitária FM (ROGÉRIO, 2008) e Rodger foi diretor e também um dos fundadores da Rádio. Pedro Rogério, como disse Nonato Lima, “[...] começou a andar na rádio menino mesmo.” (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012). Então é um produtor que conhece a Rádio

Universitária, porque cresceu ouvindo a Rádio. Ao mesmo tempo, Pedro Rogério conhece o cenário musical cearense. Cresceu participando da história da música cearense através de seus pais e seguiu a carreira acadêmica na música, produzindo uma dissertação e, mais recentemente, uma tese sobre o Pessoal do Ceará⁸¹. É professor e vice-coordenador do curso de Música da Universidade Federal do Ceará. É também coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense (Grupece) da UFC. Pedro Rogério é um entusiasta da nova geração da música autoral cearense. Acompanhamos a participação dele no evento “Percursos Urbanos”⁸², já citado no capítulo dois, que envolveu a apresentação de uma nova geração da música autoral cearense através da relação com a cidade e com a história da música no Ceará. Acompanhamos também sua participação em uma das palestras da VI Semana de Educação Musical da UFC, ocorrida em maio de 2011, onde organizou uma palestra sobre questões relacionadas à nova música do Ceará e onde o palestrante principal era o Alan Mendonça. Desde a reformulação musical da rádio, Pedro Rogério apresenta e produz o programa “Musicultura”⁸³, onde oferece um espaço de reflexão sobre a música, fazendo uma ligação com a academia e divulgando artistas locais, muitos da nova geração da música autoral cearense. Marco Leonel Fukuda nos confirmou em entrevista que integrantes do BORA já participaram desse programa, inclusive ele mesmo.

Portanto, podemos afirmar que Pedro Rogério é a mais recente porta que essa geração da música autoral cearense, apresentada através do BORA, tem para se comunicar com a Rádio Universitária FM. Além disso, o professor proporciona também um contato dos ouvintes da Rádio com o que está sendo produzido em relação às artes, mas principalmente em relação à música, na UFC. O “Musicultura” é um programa novo da Rádio Universitária FM⁸⁴ que parece vir solidificar a ligação Rádio/Universidade – Comunidade, no que se refere à difusão e construção cultural

⁸¹ ROGÉRIO, Pedro. A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

⁸² Pedro Rogério esteve na organização do evento e foi um dos oradores no dia do evento, juntamente com Alan Mendonça e Marco Leonel Fukuda.

⁸³ “O Musicultura é um projeto de extensão coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Rogério, que traz como proposta a difusão da produção do campo de cultura e arte da Universidade Federal do Ceará. Divulga as produções artísticas, assim como dos estudos e pesquisas de professores e estudantes do Curso de Música da UFC e outros agentes do campo artístico musical.” (Disponível em <<http://www.radiouniversitariafm.com.br/programacao/13-programas/246-musicultura>>. Acesso em: set. de 2012)

⁸⁴ O programa estreou em julho de 2011.

Nelson Augusto foi, e continua sendo, um dos principais elos entre os músicos cearenses e a Universitária FM desde o surgimento da emissora. Ele afirmou ter contribuído muito para o repertório mais alternativo (segundo sua avaliação) da RUFM, trazendo seus próprios discos para o acervo da Rádio no início da emissora. Disse também que contribuiu para o processo de divulgação dos artistas cearenses desde o ano de 81⁸⁵ até os dias atuais.

Então foi na formação desses artistas que vieram de 81 pra cá, na musica do Ceará que tocavam aqui em Fortaleza, a Rádio tem um papel preponderante na divulgação dos trabalhos autorais desses artistas. (Transcrição de entrevista realizada com Nelson Augusto no dia 4 de maio de 2012)

Ele divulga a cena artística local não somente através da Universitária, mas de vários outros espaços midiáticos nos quais trabalha. É repórter do “Caderno 3”⁸⁶ do jornal impresso Diário do Nordeste, apresenta o programa “Cena Rock” da TV Ceará, é produtor cultural, entre outras atividades relatadas durante entrevista concedida para o presente estudo. Na RUFM, Nelson Augusto apresentava praticamente todos os programas que envolviam músicos locais. Essa realidade começou a mudar a partir da reformulação da programação musical da Rádio no ano de 2011, com a diminuição da frequência de alguns de seus programas e a reformulação do formato de outros. Outros produtores, recentes ou não, recebem incentivo para buscar mais os músicos locais, informou Nonato Lima em entrevista para esta pesquisa. É o que confirma o próprio Alan Mendonça, falando agora do BORA.

Houve um período [...] em 2001 mais ou menos, [...] desse período até pouco tempo atrás que é o que eu realmente vivi, a gente procurava o Nelson né, a relação da Rádio Universitária com a música era o Nelson, personalizado no Nelson. Mas de um tempo pra cá não. Eu acho que a própria Rádio procura mais, a Rádio como um todo né, também da direção e tal, como a gente tem outros canais lá hoje em dia. Não sei, o Nelson era tão forte o canal, que as pessoas procuravam mais ele instintivamente. Mas a Marta, o Henrique Beltrão, o Pedro agora e a juventude que entrou na rádio também com o Marco e tal. Acaba que tem mais pontes pra se chegar na rádio. E eu acho que o próprio professor Nonato também tem uma sensibilidade boa pra isso. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

Podemos dizer, então, que Nelson Augusto continua sendo um dos fortes incentivadores da comunicação entre a nova geração da música autoral cearense e a

⁸⁵ Ano de fundação da Universitária FM.

⁸⁶ O Caderno 3 é o caderno de cultura do referido jornal.

RUFM. Mas arriscamos também dizer que, a partir do início da nova gestão da emissora em 2007, esses canais vêm se democratizando, se descentralizando e se expandindo para outros produtores musicais e para os bolsistas da Rádio. Refiro-me aqui aos bolsistas do site da Rádio Universitária FM.

Devemos ressaltar essa outra aproximação entre a nova geração da música autoral cearense e a Universitária. O site da Rádio, como vimos no primeiro capítulo, foi reformulado e reinaugurado no início de 2011. A seção que merece destaque aqui é a “Ceará Sonoro”, antes da reformulação chamada “Artista da Semana”. Essa seção é dedicada exclusivamente a divulgar artistas autorais cearenses. Durante o processo de criação do novo site da Rádio, os bolsistas passaram a atuar, mais do que antes, como protagonistas das produções do site. A partir da experiência de fazer parte da equipe do site, pudemos acompanhar de perto o processo que se desenvolveu. Observamos que a partir do momento em que os bolsistas foram encarregados de produzir o material para as seções do site, e principalmente a partir da entrada de Marco Leonel Fukuda, iniciou-se uma tendência dos artistas escolhidos para o “Ceará Sonoro” serem da nova geração.

Para finalizar, como o leitor já percebe, Nonato Lima se configura como um dos principais propulsores de mudanças na Rádio 107,9 MHz, criando um espaço para a nova geração que trabalha dentro da Rádio, através do reconhecimento do trabalho dos bolsistas, e para a nova geração fora da rádio, abrindo espaço para o diálogo com essa geração da música cearense. O diretor iniciou um diálogo com os músicos do BORA, como Movimento, para tentar uma aproximação.

O pessoal do BORA esses dias tiveram aqui, eu conversei com eles, eles participam e participaram de alguns programas, ora falando em nome do Movimento, ora eles pessoalmente falando. [...] Eu gostaria de ter uma relação com eles, já conversei com eles sobre isso, tanto com o Fukuda né, que é o nosso grande colaborador, [...] e com outros integrantes a ideia é que a gente possa ter uma aproximação maior. Mas claro que isso não é uma coisa que acontece de um dia pro outro né, mas eu acho que é importante o movimento e a gente pode aprofundar isso [...]. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

E é a partir desta fala de Nonato Lima que seguimos para a próxima parte de nossa análise, na qual vamos tentar explicitar qual a atitude que a Rádio Universitária FM tem perante a nova geração da música autoral cearense e vice-versa.

3.2.2 Os sujeitos da pesquisa querem se aproximar?

3.2.2.1 Rádio Universitária

A Universitária FM apresenta, através da própria descrição da emissora em seu sítio na Internet, que se especializou na produção nordestina e cearense⁸⁷. Como vimos, anteriormente, o diretor da Universitária FM é um dos incentivadores da aproximação com o Movimento. Observando os aspectos que conectam os dois sujeitos, arriscamos dizer que, se os espaços não aumentaram no que se refere a tempo, foram no mínimo diversificados.

E essa é uma preocupação, a gente busca ampliar cada vez mais essa presença do artista local, da produção local na programação da Rádio. Claro que são processos né, há resistência em relação a certas mudanças, isso é comum, ocorre. Mas a nossa ideia é que a programação ela se torne mais atual e mantenha esse compromisso fixo com a nossa produção inicial. A perspectiva que a Universidade Federal tem, o universal pelo regional, não é? Então regional também está na universal e o que é universal passa na matriz de programação. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Podemos observar que o diretor da Rádio se coloca em uma postura favorável a mudanças qualitativas, para ampliar a presença dos artistas cearenses na programação sem abdicar do compromisso com a música universal. Porém, admite que há resistências às mudanças. Estivemos presentes no Seminário de Planejamento 2012 da Rádio Universitária FM⁸⁸, assim como nos foi cedido o documento com o resumo das discussões e conclusões do encontro. Avaliando o seminário e o documento, observamos que a produção musical admite ter dificuldades em atualizar-se, mas atribui parte dessa limitação à suposta desatualização do acervo da própria rádio. “A equipe ressaltou que a falta de atualização da produção musical se deve, em parte, aos problemas de atualização do acervo. Há pouco espaço para a música internacional e falta iniciativa para os produtores pesquisarem”⁸⁹. Em entrevista realizada, Nonato Lima coloca já outra situação:

O nosso acervo ele tem 93 mil músicas. Não é pouco. E sempre acrescentado, sempre acrescentando. Os produtores eles tem nenhuma proibição, você não toca isso, não toca aquilo, a gente tem na verdade é uma

⁸⁷ Disponível em <<http://radiouniversitariafm.com.br/radio/258-historico>>. Acesso em: set. 2012.

⁸⁸ O Seminário de Planejamento da Universitária FM teve sua primeira edição no ano de 2011, por iniciativa da direção da Rádio. Reunindo toda a equipe da Rádio Universitária no início de cada ano, o seminário objetiva o estabelecimento de metas, soluções e propostas para a emissora, que são discutidas e aprovadas (ou não) coletivamente.

⁸⁹ Universitária FM 107,9 – Planejamento 2012 – metas/soluções/propostas. Esse trecho se refere ao momento em que os funcionários da rádio se dividiram em grupos e responderam a questões diversas sobre o funcionamento da emissora. A referida questão era “Os programas refletem a atual produção artística brasileira e mundial.”

linha de trabalho a partir da qual todos trabalham. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Nonato adicionou que existe uma frequência permanente de atualização do acervo da rádio.

Podemos constatar a partir do que foi colocado que é possível que a equipe da produção musical (ou parte dela) da Rádio Universitária encontre certa dificuldade, ou não tenha iniciativa suficiente, para renovar as músicas da programação musical. Foi posta também no Seminário de Planejamento a dificuldade da produção musical em integrar as músicas dos novos artistas na programação geral.

Mas vimos também que muitos produtores musicais, assim como bolsistas, se encontram abertos e buscam os músicos da nova geração. Também observamos que a Rádio está passando por processos de mudanças e reformulações e que a tendência é que a postura da produção musical como um conjunto venha a seguir as novas orientações. Nonato Lima coloca que a procura é mútua entre músicos cearenses e produtores musicais. *“A rádio é aberta, os artistas procuram, os produtores procuram.”* (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012). Ele adiciona que praticamente todo dia aparece alguém procurando a RUFM pra divulgar algum trabalho ou algum evento. Mas relembra que a emissora tem critérios de qualidade.

Agora, não é só, não, é cearense e pronto, a gente toca tudo. Não, é não. Tem critérios de avaliação. Tem músicas feitas aqui [no Ceará] que não tocam na Rádio Universitária. [...] Primeiro porque não precisa, elas tocam muito, em muitos lugares, em todo canto naqueles carros com a mala aberta, o dia todo, então ela não precisa de uma rádio como a nossa. Depois porque elas não estão dentro dos padrões de qualidade de gravação, de qualidade sonora, às vezes até o próprio vocabulário rompe com certos valores né, [...] então a rádio procura escolher as músicas pela qualidade, da letra, da melodia, da interpretação, esses são os critérios fundamentais. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

Há também dificuldades relacionadas à própria trajetória histórica de construção de programação musical pelas emissoras radiofônicas.

[...] é um grande desafio hoje pra gente essa, digamos assim, trazer cada vez mais novos artistas pra dentro da rádio nesse sentido de divulgação e tal. Nós temos umas ações voltadas pra isso, por quê? Porque já é um desafio no caso do rádio brasileiro tocar os artistas tradicionais. Muitos deles são ilustres desconhecidos de todas as outras rádios, da maioria das rádios do país. Grandes nomes da música popular brasileira não tocam no rádio ou tocam muito pouco, muito pouco mesmo. Mas nós não podemos fazer uma rádio baseada na esperança de fazer justiça com as próprias mãos, aliás, eles não tocam, os grandes não tocam, vamos tocar aqui só esses, também

não pode ser assim. Então a gente mantém essa preocupação de trazer a música clássica que é produzida no país e o clássico aqui é no sentido mais amplo mesmo, o que tem um vínculo maior com as raízes musicais brasileiras né, de vários gêneros e isso se mantém, mas junto disso a gente quer trazer os novos produtores, os novos compositores, os novos intérpretes. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

O que parece ser unanimidade ao avaliarmos entrevistas e Seminário de Planejamento é que “deve haver um equilíbrio entre o velho e o novo”.⁹⁰ Ou seja, a Rádio Universitária FM se propõe a abrir espaço para as novas e gerações anteriores. Quanto à atitude da emissora frente à nova geração da música autoral cearense, podemos dizer que estão surgindo movimentos de aproximação e portas que se abrem, mas é preciso vencer ainda certas resistências e estagnações.

Com relação ao Movimento BORA, percebemos ao longo da pesquisa que a divulgação do trabalho do Movimento é feita prioritariamente pela Internet. Uma forma de a produção musical se reciclar e ter acesso a esses novos trabalhos seria criar uma rotina de pesquisa de novos artistas na *Web*, com intenção de ampliar e diversificar a programação musical.

Outra questão se refere a uma colocação feita no Seminário de Planejamento que expressava a dificuldade em se alcançar o público universitário. Essa é uma questão séria, pois tratamos aqui de uma rádio universitária. Seria imprescindível então tratar deste assunto internamente na Rádio, dessa limitação e suas possíveis soluções. Acrescentamos ainda o fato de grande parte dos integrantes do BORA virem da Universidade. Ou seja, a Universidade é um dos caminhos para que a Rádio Universitária se aproxime desses artistas.

3.2.2.2 BORA! – Ceará Autoral Criativo

O Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo, ao atuar como coletivo afirma o desejo de fortalecer a nova produção musical cearense e ampliar os espaços de divulgação da mesma. Observamos, através do acompanhamento dos eventos do coletivo e principalmente através das entrevistas, que o principal foco de divulgação do Movimento é a Internet. Foi através da Internet que o movimento surgiu e se articulou. Houve a Internet antes do presencial, a Internet foi o elemento que aproximou. Ao

⁹⁰ Universitária FM 107,9 – Planejamento 2012 – metas/soluções/propostas. Fragmento da resposta de uma das equipes à pergunta “Existe uma preocupação da emissora em divulgar o trabalho de novos artistas.”

mesmo tempo, a *Web* se torna o mecanismo mais forte de divulgação do BORA por ser a ferramenta midiática que está mais acessível ao Movimento, permitindo a divulgação do trabalho dos artistas da forma que eles pensaram, da forma que eles querem ser divulgados. A Internet também se configura como um mecanismo de construção de novas formas de atuar como Movimento. O BORA! – Ceará Autoral Criativo, como acompanhamos no segundo capítulo, é um Coletivo que valoriza a organização de profissionais da música. Como citado anteriormente,

(...) o Ceará Autoral Criativo ele pensa em somar os públicos, a gente quer trabalhar cooperativismo, associativismo, pensar numa coisa solidária, cooperativa, mas os públicos a gente vai agregando. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011)

Agregar os públicos através da cooperação dos músicos entre si. São características que levam novamente à Internet, mídia mais descentralizada e que possibilita comunicações em direções múltiplas. .

No entanto, além da Internet o movimento procura pautar as outras mídias. No final do ano de 2010, período em que o BORA lançou seu CD, observamos uma grande cobertura da mídia impressa, nos jornais Diário do Nordeste e O Povo. Alan cita também, em entrevista concedida para este estudo, a televisão local como mídia que deu espaço ao Movimento, através da TV O Povo. No caso do espaço radiofônico, cita a Rádio Assembleia e a Rádio Universitária FM.

Antes da entrada de Marco Leonel Fukuda na Universitária, podemos dizer que já havia um diálogo entre a Rádio e o BORA. Só que, ao que nos parece, centralizado na figura de Nelson Augusto. Observamos isso a partir do acompanhamento do evento “Percursos Urbanos”, ocorrido no final de 2010, período em que Marco ainda não havia ingressado na Rádio como bolsista. Neste evento, quando o grupo da excursão parou na Rádio Universitária FM para conhecê-la, assim como a relação dessa com a música cearense, a única pessoa que falou em nome da Rádio foi Nelson Augusto. Neste período, em que o BORA! – Ceará Autoral Criativo estava crescendo a todo vapor, na época do lançamento do primeiro CD do Coletivo, Alan Mendonça falou no evento em questão que:

[...] pra nós, artistas, a Rádio Universitária é o principal ponto de veiculação, né, com a nossa música com a cidade. [...] e acaba que a nossa

*música é ouvida na cidade pela Rádio Universitária. As rádios comerciais, um ou outro toca de vez em quando.*⁹¹

Em abril de 2011, Marco entra na Rádio como bolsista e estreita ainda mais as relações da emissora com o Movimento.

Eu acho que a Rádio tem um papel muito grande de apoiar, de divulgar, de disseminar a informação e a rádio ainda tem muito alcance. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011).

Percebemos, não só nesta fala, mas durante toda a entrevista realizada com Marco, que ele descobriu no rádio um incrível meio de comunicação. O rádio o atrai ainda mais por ser uma mídia que envolve especificamente o som.

Então eu me interessei muito por jornalismo cultural, entrei em contato com rádio, que é, foi assim, fantástico. Porque rádio é um veículo de comunicação que lida com o som. [...] o rádio foi uma descoberta no curso. Até porque a geração da gente não cresceu ouvindo rádio em casa, né? A gente cresceu com o computador em casa. É uma outra relação. (Transcrição de entrevista realizada com Marco Leonel Fukuda no dia 25 de agosto de 2011).

Percebemos que a importância que Marco atribui ao rádio pode ter sido um fator decisivo para seu empenho em contribuir para a Rádio Universitária FM e para suas tentativas de levar o BORA a interagir mais com a Rádio. Ao mesmo tempo, Marco admite não ter crescido ouvindo rádio, ao contrário dos integrantes do Pessoal do Ceará, por exemplo, vindo a conhecer realmente o meio de comunicação radiofônico na faculdade. Ele disse ter crescido com a Internet. Coincidentemente (ou não) foi uma das interfaces que ele mais contribuiu na RUFM, o site. E também é a interface da Rádio em que as pessoas da nova geração (bolsistas) mais atuam.

Quando conversamos com Alan Mendonça, nos deparamos com uma visão diferente da de Marco e diferente da própria visão que o Alan apresentou em 2010.

Aí eu questiono isso, será que funciona mesmo? Será que o potencial do rádio é o mesmo que antigamente? Qual rádio? Qual rádio tem esse poder de mudar a vida de um artista? Talvez não seja as rádios classe A que chama né, Atlântico ou Calypso ou Rádio Universitária, a Tempo [...] Eu fico assim cara eu acho que é uma coisa pra ficar porque parece um discurso reproduzido sabe, porque isso aconteceu antes, isso foi feito antes então é assim. Mas pode não ser assim hoje né, pode não ter essa mesma força. [...] Mas não sei se a música, a MPB chamada, que até é terrível hoje em dia, popular, não é popular. Eu não sei se teria um retorno financeiro disso, do investimento. Agora eu acho que a rádio funciona muito, popular, a rádio popular funciona muito assim porque ainda atinge uma classe social eu acho

⁹¹ Informação oral fornecida por Alan Mendonça, no evento Percursos Urbanos, do Centro Cultural Banco do Nordeste, ocorrido no dia 27 de novembro de 2010.

que é por aí, é a relação da classe social que tem acesso a algum tipo de informação, no caso computador em casa com Internet, banda larga lá e outra classe não tem... Aí, não sei. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

Podemos refletir sobre alguns aspectos destacados por Alan em relação ao rádio. Trazemos novamente a visão de Kaplún *et al.* (1978 *apud* Zuculoto *et al.*, 2010), que fala sobre a concepção de um programa cultural, que às vezes é entendido como algo erudito, que se distancia do popular. Será que a cultura nas rádios classificadas pelo entrevistado como “classe A” é tida como uma produção das e para as elites? Devemos considerar a reflexão de Barbero (2002), citada anteriormente, sobre a programação radiofônica pública como espaço de criação. As rádios públicas, não comerciais, podem ser concebidas então como possibilitadoras de acesso a espaços de criação e produção cultural. A visão de Alan nos parece redutora no sentido de apontar a questão de classe social como delimitadora, sem considerar outros valores, como o cultural.

Observamos, a partir deste depoimento mais recente de Alan, que ele não atribui a mesma importância ao rádio que supostamente atribuía em 2010, assim como apresenta uma visão diferente da de Marco Fukuda. Quando questiona o alcance do rádio, se refere ao estilo de música que atribui ao BORA de maneira geral, a MPB. Relacionamos isso com o episódio relatado, como por Nonato quanto por Alan, da ida de Alan e Marco⁹², representando o movimento BORA, na Rádio Universitária FM para tentar de estabelecer um diálogo e abrir novos espaços⁹³. Questionamos, a partir dessas visões, se o Coletivo como um todo procura realmente pautar-se para os meios radiofônicos, incluindo a Rádio Universitária FM. Alan Mendonça comentou sobre este encontro com Nonato Lima na entrevista.

Eu cheguei a pensar com o Marco e quando eu conversei com professor Nonato, eu acho que a ideia era a possibilidade de ter um programa, ter um programa BORA, mas não sei como é que funciona essa parte burocrática pra se chegar a ter um programa, não imagino que seja fácil, acredito que não seja. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012)

O que entendemos que acontece é que, por conta da fragilidade em que o Movimento se encontra atualmente, como vimos no final do capítulo dois, torna-se difícil unir forças para pesquisar, montar o projeto de um programa BORA e apresentar para Nonato Lima. Acreditamos que o coletivo possua os meios para tal, principalmente

⁹² Não sabemos informar se mais alguém do Movimento esteve nesta reunião.

⁹³ Segundo entrevistas realizadas, esse encontro aconteceu por volta de maio de 2012.

contando com um integrante que trabalhou dentro da Rádio e que estuda Comunicação. A fragilidade do Coletivo e a possível descrença e desconhecimento do potencial do rádio, inclusive, via Internet, podem ser empecilhos para uma aproximação mais íntima do Movimento BORA! – Ceará Autoral Criativo com a Rádio Universitária FM.

Observamos uma tendência muito forte de divulgação do BORA utilizando a Internet, enquanto observamos também uma tendência personificada nas manifestações de Fukuda em pautar o rádio. Sobre essas questões, colocamos mais algumas reflexões de Alan Mendonça. Em palestra na VI Semana de Educação Musical da UFC, ele relata uma experiência interessante.

Uma menina perguntou pra mim lá na publicidade porque que haviam músicas que tinham ficado né, eu acho legal esses pensamentos assim, esse entender né. [...] E ela perguntou por que que umas músicas assim antigas que ainda existiam, a gente ouvia sempre e tal e não havia mais músicas novas, é invocado isso aí. Eu falei que as músicas tinham uma relação de afetividade. A gente tem afetividade por algumas músicas que a gente ouviu, que o pai da gente ouvia né, no rádio ou na vitrola. E aquelas músicas conviveram com a gente, a gente se criou ouvindo Chega de Saudade, por exemplo, né e aquela música tem uma relação afetiva como várias outras, que a gente teve acesso. E o acesso, num certo nível, tem uma relação com a música né, você tem uma relação com aquela música.⁹⁴

Então, ficam as questões. A relação de afetividade que Alan relata se daria com as músicas da atualidade? Como aconteceria essa relação com essas novas músicas? Como se dá a relação das novas músicas com os ouvintes de rádio hoje? Segundo ele, as gerações passadas desenvolveram essa relação através do rádio e da vitrola e as gerações seguintes conviveram com os gostos musicais das anteriores. Será que a relação dos sujeitos com a Internet vem proporcionando uma nova forma de gerar afetividades? Na opinião de Alan Mendonça, essa mídia, por sua natureza, não possibilita isso. Ele comentou na entrevista realizada para este estudo que a Internet provocou certo desinteresse na cultura local, porque os interesses se dispersaram, prejudicando a afetividade e a identificação com o local. Conclui que acaba não importando os artistas locais estarem na sua terra natal, presencialmente.

Parece que o real, parece que você ir no teatro, você ir assistir, você comprar o disco é meio frouxo[...]. (Transcrição de entrevista realizada com Alan Mendonça no dia 3 de maio de 2012).

⁹⁴ Informação oral fornecida por Alan Mendonça em palestra na VI Semana de Educação Musical da UFC no dia 26 de maio de 2011.

Podemos concluir então que, se ainda não há uma fórmula exata para criar um público fora das gravadoras, é preciso tentar expandir as possibilidades. Ou seja, a ideia de criar um público fora das gravadoras vem no sentido de que ele não existiria, precisaria ser inventado através de outras formas de criar, produzir e fazer circular a arte, a música. E pra isso é preciso fortalecer o coletivo, não deixar dispersar, tentar interagir com todas as mídias.

3.2.3 Programação: o que diz o mapeamento?

O mapeamento realizado para esta pesquisa, como explicitamos anteriormente, envolveu duas semanas de programação. Iniciamos por transcrever toda a programação musical da rádio, inclusive pesquisando intérpretes e compositores que não eram anunciados pela locução, no período da madrugada. Este método se mostrou infundável e pouco eficaz. Então, começamos a escutar toda a programação musical fazendo anotações de acordo com critérios específicos, citados anteriormente. Seguimos com esta metodologia, porém não conseguimos avançar nos dias da semana, mesmo com o passar de meses. Afinal, eram duas semanas de programação musical que deveriam ser mapeadas em sua totalidade, o dia todo. Com o andamento dos trabalhos de escuta e transcrição da programação, ao final somando 78 páginas, fomos percebendo detalhes que auxiliaram a redefinir os critérios utilizados, refinando e orientando a escuta e transcrição para os programas citados pelos entrevistados. O tempo reduzido para a produção de um trabalho monográfico foi também um dos fatores para a redefinição dos critérios. Contudo, não consideramos que a qualidade do resultado do mapeamento tenha sido prejudicada pelas mudanças de métodos ao longo do percurso da pesquisa. Tivemos a oportunidade de observar se e onde a nova geração da música autoral cearense aparece na programação geral, onde e como ela aparece na programação dedicada à música cearense, entre outros aspectos que iremos contemplar aqui.

Primeiramente, nos detenhemos sobre os programas mais genéricos da Universitária, onde o locutor apenas anuncia as músicas. A partir do mapeamento e da escuta da programação musical de uma forma geral, observamos que essa porcentagem de programas, em sua maioria de MPB, contemplam poucos artistas cearenses e arriscamos dizer que praticamente nenhum da nova geração. Os artistas cearenses que são contemplados nesses programas são os consagrados nacionalmente.

Mas não podemos analisar essa presença pelos programas genéricos, pois a programação musical da Universitária FM é bastante segmentada. Segmentada seguindo critérios de estilo de música, formato, entre outros. E, neste aspecto, Nonato Lima coloca que esse procedimento é para responder à missão educacional da emissora.

É conhecimento de forma lúdica, de forma agradável, de forma ritmada e sonora que o rádio produz, mas conhecimento, saber. [...] Você pode tocar um samba junto com o blues, junto com o forró, junto com música erudita nesse programa? Pode! Claro, não é proibido. [...] Mas se você cria um programa de jazz, um programa de blues, um programa de música erudita, você vai oferecer ao ouvinte a possibilidade de adquirir um conhecimento sobre música que ele teria dificuldade de trabalhar num programa todo misturado, sem muita informação, sem muita orientação. (Transcrição de entrevista realizada com Nonato Lima no dia 3 de maio de 2012)

E é isso que observamos quando escutamos a programação da Universitária FM. Há o programa “Música Erudita”, “Encontro com o Jazz”, “Encontro com o Blues”, “Pessoal do Ceará”, entre outros. Sempre os programas procuram aliar música à informação, com formatos levemente variados. Apesar de a Rádio Universitária FM propor-se a trabalhar com a educação não-formal, ela pode estar reforçando através desse formato segmentado a educação formal, ao propor dividir os programas de acordo com estilos de música, enquadrando as músicas em “caixinhas” de conteúdos, podendo a segmentação dos programas musicais ser relacionada à divisão de “disciplinas” em que o ouvinte vai poder “adquirir” conhecimentos sobre determinado estilo.

Pois bem, essa segmentação interfere diretamente na forma em como os artistas cearenses são apresentados na emissora. Isso porque, como vimos, a segmentação da programação da emissora inclui programas dedicados à música cearense. Alguns possuem esse critério de segmentar no sentido de música cearense e também por estilo musical, como o programa “Brasileirinho”, produzido e apresentado por Nelson Augusto, que traz compositores e intérpretes locais para tocar chorinho ao vivo nos estúdios da Rádio. Outros possuem somente o critério de apresentar música cearense, como o “Pessoal do Ceará”. Como colocado, esse agrupamento da música local em programas específicos também teria finalidades educativas, com o objetivo de os ouvintes saberem o que está sendo produzido no Ceará. Mas cabe ressaltar que isso não anula a possibilidade de músicas cearenses estarem na programação geral, juntamente com os demais artistas brasileiros. Observou-se um pequeno aumento da presença da música cearense na programação geral após o processo de reformulação da Rádio

Universitária, correspondendo ao que Nonato Lima informou na entrevista que concedeu para essa pesquisa. Mas o aumento não foi significativo.

Detenhamo-nos agora sobre os programas citados nas entrevistas, tanto por serem novos, como por terem sofrido algum tipo de reformulação e principalmente por apresentarem músicas de artistas cearenses.

Pessoal do Ceará⁹⁵: consiste no programa mais consolidado de música cearense da Rádio Universitária.

Seleção musical de intérpretes, compositores e músicos cearenses. Também apresenta entrevistas e informações culturais sobre eventos, shows e programações locais. Eventualmente, são gravados e transmitidos espetáculos culturais que acontecem na cidade.⁹⁶

Quando escutamos o programa da semana de março, antes da reformulação, ele ainda não possuía vinheta específica. O programa de março não apresentou nenhum compositor ou intérprete da nova geração. O programa de outubro já possuía a vinheta do programa. Este teve um bloco de músicas dedicado somente ao movimento BORA.

Vamos continuar o Pessoal do Ceará de hoje com a turma do BORA! – Ceará Autoral Criativo. Felipe Breier canta pra gente, de Lenine Rodrigues e Alan Mendonça, “Brincadeira”. Depois Edinho Vilas Boas, de sua autoria, “Retumbante”. Na sequência tem o grupo Breculê, música de Fabrício da Rocha, Pedro Fonseca e Fábio Marques, “Barruada Ga Gá”. E a última do bloco, mais uma banda do Ceará Autoral Criativo, o BORA! A banda Eletrocactus, a música “Calango Eletrônico”, de Gleydson Rocha e Antônio Filho.⁹⁷

Nelson Augusto divide bem os blocos do programa, de acordo com estilos de música, músicos que fazem parcerias, entre outros critérios.

Musicultura⁹⁸: programa que surgiu após a reformulação da programação musical da Universitária. Produzido e apresentado por Pedro Rogério, envolve entrevista e música. No programa que escutamos, Pedro Rogério entrevistou um músico autoral cearense, Djalma dos Santos, que lançava seu novo CD, Sinos do Tempo. Entrevistou também os estudantes do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da UFC sobre o FUA, Feira Universitária de Arte. Ele divulga, através das entrevistas e músicas, o

⁹⁵ Programa veiculado as quintas e sextas-feiras, das 16h às 17h.

⁹⁶ Disponível em: <<http://radiouniversitariafm.com.br/programacao/13-programas/33-pessoal-do-ceara>>. Acesso em: set. 2012.

⁹⁷ Mapeamento programação Universitária FM. Extrato da locução do programa Pessoal do Ceará do dia 27 de outubro de 2011.

⁹⁸ Programa veiculado às quartas-feiras, das 16h às 17h.

trabalho de artistas autorais, principalmente os que têm relação com a Universidade. A ideia é também refletir um pouco sobre o fazer música. Por isso o subtítulo do programa ser “Reflexões e Ressonâncias Musicais”.

Trata-se de um programa radiofônico semanal da Universidade Federal do Ceará, transmitido pela Rádio Universitária FM – 107,9 todas as quartas-feiras às 16 horas. Oriundo de um projeto de extensão, o MUSICULTURA traz como proposta a difusão da produção do campo de cultura e arte da UFC, com ênfase na área da música. Coordenação, produção e locução Pedro Rogério.⁹⁹

Sem Fronteiras¹⁰⁰: Programa produzido e apresentado por Henrique Beltrão, auxiliado por bolsistas. Destaque para o programa escutado na semana de março, em que Henrique entrevista Rodger Rogério e Pedro Rogério sobre o Pessoal do Ceará, envolvendo os trabalhos acadêmicos de Pedro Rogério, que havia defendido há pouco tempo sua tese de doutorado sobre o tema.

Programa de caráter temático, pontuado por músicas e poemas. O *Sem Fronteiras* pauta-se na reverência à diversidade de línguas, raças, religiões e idades. Vários temas são abordados de acordo com os comunicadores, artistas, pesquisadores, professores, estudantes e demais convidados.¹⁰¹

Reouvindo o Nordeste¹⁰²: “Começamos agora o nosso encontro com o musical e o poético da Cultura Nordestina – Reouvindo o Nordeste!”¹⁰³. Programa produzido por Zé Rômulo e apresentado por Eleuda de Carvalho. Há músicas instrumentais e cantadas. Entre as cantadas, há músicas propriamente ditas e há cordéis/poesias cantadas. Um programa que tenta realmente abarcar a cultura popular nordestina em suas diversas vertentes. Não sabemos dizer a quantidade de músicos cearenses no programa. O “Reouvindo o Nordeste” escutado em março parece ter o mesmo estilo de seleção musical. Porém, não havia locução, portanto não se conheciam os compositores e intérpretes das músicas. Depois da reformulação, o programa está com vinheta específica e locução.

Cordas, Bandas e Metais¹⁰⁴: “[...] apresenta músicas instrumentais nacionais e estrangeiras, enfocando, de forma especial, a música instrumental cearense, com

⁹⁹ Disponível em: <<http://musiculturaufc.blogspot.com.br>>. Acesso em: set. 2012.

¹⁰⁰ Programa veiculado aos sábados, das 14h às 15h.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://radiouniversitariafm.com.br/programacao/13-programas/50-sem-fronteiras>>. Acesso em: set. 2012.

¹⁰² Programa veiculado de segunda a sábado, de 8h às 9h30min.

¹⁰³ Mapeamento programação Universitária FM. Extrato da locução do programa do dia 26 de outubro de 2011.

¹⁰⁴ Programa veiculado às terças-feiras, das 16h às 17h.

destaque aos músicos que garantiram seu espaço na música popular brasileira.”¹⁰⁵ O programa segue a linha descrita, sem presença forte da nova geração.

Podemos destacar ainda na programação o **Cultura e Música**, programa patrocinado pelo BNB. “Seu encontro semanal com a agenda cultural de Fortaleza.”¹⁰⁶. Programa dinâmico, pautado pelo CCBNB e que traz música, sorteio de brindes e entrevistas, normalmente ligadas a eventos culturais do BNB, pelo que escutamos no mapeamento. No programa escutado em março, ouvimos músicas de artistas nacionais e cearenses, entre os últimos o próprio produtor e apresentador do programa, Calé Alencar.

O programa **Brasil Novos Sons** também merece destaque. É um programa novo, que também veio com a reformulação da programação da Rádio. Antes, neste horário, havia o programa Africa Reggae. “A partir de agora você ouve a nova música brasileira na Rádio Universitária FM – Brasil Novos Sons!”¹⁰⁷ É produzido e apresentado pelos bolsistas do site da RUFM. Programa de entrevista e música. O produtor/apresentador vai percorrendo a vida do artista e suas influências, também abordando temas que falam da nova geração da música brasileira. Ao longo da entrevista, vai pedindo para o entrevistado sugerir músicas de acordo com o tema que estão abordando, assim como sugere músicas para tocarem também. São contemplados artistas de todos os estados brasileiros, inclusive Ceará. Procuram-se artistas da nova geração, que ainda não tenham muito destaque na mídia nacional.

Cabe destacar aqui também um programa bastante citado por Marco Leonel Fukuda, mas que já não faz mais parte da programação da emissora. O programa **Por uma Cultura de Paz**, produzido e apresentado por Marta Aurélia. O programa, que esteve na rádio por muitos anos, passou a não fazer mais parte da grade da Emissora a partir da reformulação. O programa tinha um formato diferente do convencional, no sentido de um formato mais solto, mais livre. Porém o programa acabava ficando aberto a divagações. O “Por uma Cultura de Paz” escutado no mapeamento falava sobre sustentabilidade do planeta, sobre questões ambientais. Marta convidou um tenor italiano que estava no Brasil para gravar um videoclipe sobre sustentabilidade no

¹⁰⁵ Disponível em: <<http://radiouniversitariafm.com.br/programacao/13-programas/63-cordas-bandas-e-metais>>. Acesso em: set. 2012.

¹⁰⁶ Mapeamento programação Universitária FM. Extrato da locução do programa do dia sete de março de 2011. Locução: Aurora Miranda Leão e Calé Alencar. Produção: Calé Alencar.

¹⁰⁷ Mapeamento programação Universitária FM. Vinheta do programa Brasil Novos Sons. O programa escutado foi o do dia 25 de outubro de 2011.

planeta, Amerigo Caponi; e convidou o responsável por um site chamado “Flora do Ceará”, Antônio Sérgio Farias Castro. Parecia uma conversa informal que era mesclada com música.

E, para finalizar, destacamos aqui um programa mais genérico, no qual encontramos músicas de artistas cearenses. É o **Acordes**. Entrou na programação da Rádio no segundo semestre de 2011, segundo escutas do mapeamento. Traz músicas instrumentais diversas. “A trilha sonora para começar bem o seu dia”, diz o locutor Caio Mota. Músicas instrumentais, calmas. A ideia é de músicas na hora em que se está acordando, para que combine com esse momento. Possui músicas de artistas cearenses, nacionais e internacionais. Antes esse horário era a continuação do “Estação 107”, com músicas soltas sem locução. A produção do “Acordes” é de Leovigilda Bezerra.

Após mapear a programação e nos deter nestes programas, observamos que a nova geração da música autoral está presente, predominantemente, nos programas “Pessoal do Ceará” e “Musicultura”. O programa “Brasil Novos Sons”, apesar de trabalhar com a nova geração, não apresenta artistas da nova geração da música autoral cearense com uma periodicidade definida, pois sua linha editorial abarca produções de todo o Brasil. Mas já entra como um novo espaço para essa geração da música autoral.

Alan Mendonça disse, em entrevista concedida para este estudo, que tinha a sensação que os programas de música cearense tinham diminuído, apesar da entrada de novos programas, com novos produtores e apresentadores. Depois de analisar o mapeamento da programação, podemos supor que essa impressão pode estar relacionada com a constatação de que a frequência do programa de Nelson Augusto, “Pessoal do Ceará”, que comprovamos dar espaço ao Movimento, diminuiu.

Na mesma entrevista, Alan Mendonça colocou que achava que faltava na Universitária e na mídia em geral espaços de discussão da música.

O que eu sinto mais falta na música cearense com a imprensa, uma imprensa no caso a Rádio assim, são possibilidades de encontro de discussão. Porque fica aquele negócio meio assim, nego faz a música, vai fazer um show, chega na rádio, toca a música, divulga e tal, tal, tal. Aí essas músicas tocam na rádio e tudo, mas existem questões na música cearense que são de um campo de política, de sociologia, percepção de sociologia, do contexto sociológico da cidade que não recebe essa música por A ou por B ou por C motivos. O que eu to querendo dizer assim, que eu acho que falta espaço na mídia, no caso a Rádio que seria um canal mais próximo da música, de se pensar a música, de se pensar os processos criativos de divulgação da música. Porque senão fica um negócio assim, vai indo né, vai indo, os compositores passando historicamente pela música cearense, mas que não fica, as pessoas.

Alan toca novamente no ponto da criação de que fala Barbero (2002), quando fala em pensar os processos criativos de divulgação da música. Quando é colocado por Alan que é preciso ampliar e ir além de chamar o músico para ir na rádio, tocar uma música, divulgar um show, etc., ele reafirma o que problematizamos já algumas vezes utilizando a visão de programação cultural de uma TV ou rádio pública proposta por Barbero.

Não detectamos durante o mapeamento da programação, nenhum programa que se encaixe exatamente no perfil sugerido por Alan Mendonça. O “Musicultura” seria o que mais se aproxima. Por sua linha editorial e por algumas reflexões que Pedro Rogério tenta desenvolver. Mas, tomando como base nossa escuta, consideramos que mesmo o “Musicultura” ainda permanece no geral se encaixando no formato de divulgação cultural, com alguns momentos de reflexões sobre o fazer musical. Porém, deve-se dizer que, como programa novo, ainda podemos esperar muitas mudanças.

Este formato de divulgação cultural, que provém da própria técnica jornalística, é o que predomina na programação musical da rádio. Resgatamos aqui a visão de Zuzuloto no que se refere à cultura nas programações radiofônicas, como forma de refletir sobre como a Rádio Universitária FM vem construindo sua programação musical. Zuculoto (2010, p. 51) analisa

cultura nas programações como uma concepção que deve ser ampliada, agregar uma diversidade de elementos, manifestações e expressões que permitam observar e expressar a construção da identidade de um povo, uma sociedade, uma comunidade.

Consideramos, portanto, que a RUFM, como rádio pública e universitária, tem o desafio de trabalhar para desenvolver um espaço de produção e invenção de cultura, inclusive musical, e não somente de divulgação, ampliando a sua concepção de programação cultural e se afirmando como uma rádio que cria um público, produz, irradia e difunde cultura, educação e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho constitui uma tentativa de incentivar os músicos autorais cearenses a buscar cada vez mais o contato com o meio radiofônico, que é um dos que mais representa o trabalho desses artistas, pois tem como um de seus eixos principais a música. Por sua vez, o trabalho também veio no sentido de incentivar a Rádio Universitária FM, como rádio pública, universitária, que se propõe a difundir a cultura universal, mas principalmente a regional, a buscar um contato mais próximo com as novas gerações de músicos autorais que surgem na cena musical cearense.

Para conhecer os objetos que escolhemos e a partir daí poder estabelecer conexões entre os dois, nos dedicamos no caso da Rádio Universitária FM, a pensar sobre sua dimensão macro, de rádio pública. Percorremos rapidamente a história das rádios públicas brasileiras, com foco em questões relacionadas à programação musical. Percebemos que a missão de Roquette-Pinto de levar educação e cultura ao ouvinte esteve presente no início do segmento radiofônico brasileiro, mas foi-se modificando ao longo do desenvolvimento da mídia, abrindo espaço para a ideia de produção e geração de cultura, educação, cidadania. Vimos também que as linhas de programação da rádio pública sofreram também influências do rádio comercial. Ao nos determos na Universitária FM, mantivemos a mesma linha adotada no plano macro. Vimos que a emissora procura adotar a linha da educação não formal e, com relação à programação musical, de difusão da cultura universal e principalmente regional, levando a produção e questões da universidade para a sociedade. Conhecemos basicamente como a RUFM estrutura sua programação musical.

Ao chegarmos ao nosso segundo objeto, o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo, procuramos delimitá-lo e identificá-lo como uma nova geração da música autoral cearense a partir da relação que mantém com as demais gerações que marcaram a história da música local. Percorremos a história da música cearense, com foco nas décadas de 60 e 70 e chegamos aos dias atuais. Conhecemos o Movimento, como ele surgiu, seus objetivos, seus projetos, entre outras coisas.

A partir da bagagem produzida, partimos para analisar a relação entre a Rádio Universitária FM e o Coletivo BORA! – Ceará Autoral Criativo. Contamos com pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas, observação de eventos, observação

participante na Rádio e com um mapeamento pontual da programação da emissora. Contamos também com a experiência e formação nos cursos de Jornalismo da UFC e Música do IFCE.

Percebemos a partir do processo de pesquisa, das análises e das vivências, que uma aproximação entre a Rádio Universitária FM e a nova geração da música autoral cearense começa a ser plasmada. Por um lado há um movimento da Rádio, através de mudanças que vem ocorrendo nesse último mandato da direção, envolvendo um processo coletivo de reuniões de planejamento, contribuições de estagiários, professores da UFC, técnicos e funcionários da emissora. Novas vinhetas, reformulação dos programas, novos programas. A “mexida” que está sendo feita, com cautela, na Universitária, está, se não aumentando, diversificando e potencializando a comunicação entre a emissora e o Movimento. Não podemos esquecer também da reaproximação que acontece entre as rádios públicas brasileiras através da Arpub, que vem incentivando os festivais de música nas rádios, objetivando abrir espaço para a nova produção musical de todas as regiões do país. Por outro lado, observamos mudanças provocadas por essa geração de músicos autorais que desponta com o BORA, através de interferências em espaços públicos urbanos, movimentação da cena musical de Fortaleza, utilização das ferramentas que envolvem a cadeia produtiva da música, aproximando-se da Universidade e da Rádio Universitária também.

Percebemos neste processo de reformulação uma descentralização do setor de produção musical da Rádio, através da entrada de novos produtores musicais e através do espaço dado aos bolsistas, que desenvolvem novos projetos.

O mapeamento da programação da Rádio 107,9 MHz, apesar de se mostrar uma atividade muitas vezes complicada e exaustiva, culminou em resultados significativos. Observamos que a presença da nova geração da música autoral cearense que vem crescendo¹⁰⁸, mas que ainda se encontra distante do proposto nas reuniões de planejamento da Rádio e nos discursos dos entrevistados. Retomamos então Zuculoto (2010) que diz que o cumprimento da missão e funções a que se propõe uma rádio pública depende da compreensão que cada rádio acumulou acerca dessas funções, a partir da prática. Então, as mudanças na programação também passam pela construção do cotidiano da Rádio.

¹⁰⁸ Essa afirmação é baseada apenas na escuta e composição do mapeamento da emissora realizado para este estudo.

Constatamos que essa relação entre a Rádio e a nova geração da música autoral vem se estreitando também como parte de um processo construído por esses músicos, que vêm se fazendo presente no cenário musical da cidade e produzindo arte, cultura, música. Observamos a nova geração da música autoral cearense interferindo no processo de construção de uma nova Rádio Universitária.

Frente às questões abordadas durante esta pesquisa, deixamos algumas sugestões que pensamos poder contribuir para o desenvolvimento das relações entre a emissora e a nova geração da música cearense.

Com relação ao Movimento BORA, seria interessante que o Coletivo estivesse permanentemente refletindo e estudando conjuntamente questões relacionadas ao processo de coletividade, no sentido de fortalecer em cada um o sentido de coletivo e tentar fortalecer o Movimento. É muito positivo para o BORA estar presente em todos os estágios da cadeia produtiva da música, participando da composição e execução das músicas, assim como da gravação, distribuição e dispor de meios de divulgação, com foco na Internet. Porém, outra recomendação seria darem mais atenção às iniciativas para fortalecer a imagem do Movimento, ampliando em vários sentidos e atingindo diferentes mídias, não somente a Internet. Um trabalho no sentido de estudar as mídias poderia ser algo positivo para ampliar a potência de intervenção e o processo de expansão do coletivo. Seria também uma forma dos artistas, em especial, músicos, compositores, intérpretes se afirmarem discutindo sobre seus próprios fazeres e saberes musicais e diversas outras questões relacionadas ao mundo da música.

Com relação à Rádio Universitária FM, acreditamos que o Seminário de Planejamento anual seja uma prática muito importante no processo de autoavaliação e de renovação da emissora, contribuindo para o crescimento da instituição e de seus profissionais. Entendemos que seria interessante haver um incentivo constante à reciclagem dos produtores musicais, no sentido de fomentar o contato com a nova geração da música autoral cearense. Sugerimos por fim, a possibilidade de se pensar em novas estratégias para os programas musicais, novas linguagens, novas formas de se discutir música. Pensar em ambientes de produção de arte e ciência, música e conhecimento. Provocar o pensamento da arte e da ciência como fazeres e saberes que podem alargar os modos de relação com a cidade e a universidade.

Utilizamos Kaplún (2012) para reforçar essas sugestões. Segundo o autor, um bom programa no rádio educativo deve ser construído por de três eixos. O primeiro eixo é o conceitual, que diz respeito ao conteúdo, ao criar o conceito do programa; essa é a

primeira coisa que se deve ter em mente. O segundo eixo é o pedagógico, que envolve saber quem são os destinatários do conteúdo que se quer trabalhar e como esses sujeitos que vão escutar o programa veem o conteúdo escolhido. O terceiro eixo é o comunicacional, que é onde reside a força da comunicação; este eixo vai estar a serviço do eixo pedagógico, com força narrativa, expressiva, afetiva, para que produza sentido.

Por fim, acreditamos que conseguimos um aprofundamento em questões específicas que podem vir a beneficiar o rádio público e os músicos autorais. Mas ainda há muitas questões nesta temática que ficam em aberto para serem desenvolvidas em pesquisas posteriores.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo no Brasil: uma história em construção. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Intercom, 2003.

Bora Fazer Música. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 06 de julho de 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=810152>. Acesso em 01.09.2012

BORA! – Ceará Autoral Criativo. Fortaleza: Instituto Ceará Autoral Criativo e radiadora Cultural, 2010. 1 CD.

CARVALHO, José Jorge de. **“Hacia una etnografía de la sensibilidad musical contemporánea”**. Brasília: UnB; 1995

CASTRO, Wagner. **No tom da canção cearense**: do rádio e TV, dos lares e bares na era dos festivais (1963-1979). Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Cidade Eclética. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13 de maio de 2011. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=979792>. Acesso em 01.09.2012

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. Ciberouvintes da Universidade Federal do Ceará. In: XI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2009. Teresina. **Anais** Teresina: Intercom, 2009.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). 2ed. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010

ECO, Umberto. 22ed. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva. 2009.

FUNDAÇÃO CEARENSE DE PESQUISA E CULTURA. **Regimento da Rádio Universitária (FM)**. Fortaleza, 1980.

GENTIL, H.S. Convite à pesquisa em Filosofia e Ciências Humanas: orientações básicas para a elaboração de um projeto. **Revista Integração**, São Paulo, v.XI, n.41, 2005.

GUSTSACK, Felipe; PELLANDA, Nize Maria Campos; SANTOS, Marcos M. Baptista, BOETTCHER, D. M.; KIPPER, N. T., SANTOS, Vanessa dos. Narrativas em

convergências: Ser-agir em uma metodologia complexa. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 2008, Porto Alegre (RS). **Anais**. Porto Alegre

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. O Futuro do pensamento na era da informática. Editora 34. Rio de Janeiro.1993.MATTOS, Pedro Lincoln C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 39, jul./ago. 2005.

MEDEIROS, Débora Maria Moura. **No ar, a sintonia da terra: jornalismo e educação não-formal na criação da Rádio Universitária FM 107,9 MHz**. 2009. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo) – Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MEDEIROS, Débora Maria Moura; NUNES, Márcia Vidal. Múltiplas vozes numa só história: heteroglissia na criação da Rádio Universitária FM 107,9 MHz. **Iniciacom – Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**. v. 2; n. 2, 2010.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna (org). **Teorias do Rádio** – Textos e Contextos. Volume I, Florianópolis: Insular, 2005.

MERAYO PÉREZ, Arturo. Identidad, sentido y uso de la radio educativa. In: III CONGRESO INTERNACIONAL CULTURA Y MEDIOS DE COMUNICACIÓN, 2000, Salamanca. **Anais**. Salamanca: Ediciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2000 Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-radio-educativa.html> Acesso em: set. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Et el. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus editorial, 1985.

RÁDIO E CIDADANIA NO CONTEXTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS, 2012, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará.

RAMALHO, Braulio Eduardo Pessoa. **Foi assim!:** o movimento estudantil no Ceará (1928-1968). Rio - São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

RANCIÈRE, J. Política da arte. In: SÃO PAULO S.A. – PRÁTICAS ESTÉTICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS EM DEBATE, 2005, São Paulo. Disponível em: www.sescsp.org.br/sesc/conferencias/subindex.cfm?Referencia=3806&ID=206&ParamEnd=9. Acesso em: 17/09/12.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará** – habitus e campo musical na década de 1970. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SAMPAIO, Joalice. **Música Plural Brasileira**. 2009. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Curso de Comunicação Social, Faculdades Cearenses, Fortaleza, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

Site Arpub - Associação das Rádios Públicas do Brasil. <http://www.arpub.org.br/>. Acesso em: jul. 2012.

Site BORA! – Ceará Autoral Criativo. <http://cearaautoralcriativo.blogspot.com.br/>

Site Rádio Universitária FM. <http://radiouniversitariafm.com.br/>.

SOUSA, José Ednardo Soares Costa (org.) **Massafeira**: 30 anos som, imagem, movimentos, gente. Fortaleza: Edições Musicais, 2010.

SOUSA, Marquilandes Borges de. **Rádio e propaganda política**: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. **Cadernos de Pesquisa**. [online]. 1999, n.107. Disponível em: <http://www.oei.es/na3326.htm>. Acesso em: 20.09.2012.

Unidos pela Música. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 07 de setembro de 2012. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=846420>. Acesso em 01.09.2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Universitária FM 107,9** – Guia de Programação, Fortaleza

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Universitária FM 107,9** – Planejamento 2012 – metas/soluções/propostas, Fortaleza, 2012.

ZUCULOTO, V.R.M. **A construção histórica de rádios públicas brasileiras**. , 2010. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.